

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE HISTÓRIA**

**JULIANA FIDÊNCIO DA SILVA BOEIRA**

**MOVIMENTO CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA EM SIDERÓPOLIS –  
SC.: MULHERES, PAUTAS E LUTAS 2008-2016**

**CRICIÚMA - SC  
2016**

**JULIANA FIDÊNCIO DA SILVA BOEIRA**

**MOVIMENTO CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA EM SIDERÓPOLIS –  
SC.: MULHERES, PAUTAS E LUTAS 2008-2016**

Trabalho de Conclusão de Curso, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, apresentado como requisito parcial a obtenção do grau de Licenciatura no curso de História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Lucy Cristina Ostetto

**CRICIÚMA – SC**

**2016**

**JULIANA FIDÊNCIO DA SILVA BOEIRA**

**MOVIMENTO CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA EM SIDERÓPOLIS –  
SC.: MULHERES, PAUTAS E LUTAS 2008-2016**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Cultura Política, Trabalho e Relações de Poder.

Criciúma, 15 de dezembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Lucy Cristina Ostetto - Mestra (UNESC) - Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Janaína Damásio Vitório - Especialista (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Michelle Maria Stakonski Cechinel - Mestra (UNESC)

**Este trabalho é dedicado a todas as mulheres negras que experimentaram, e experimentam a exclusão social.**

## **AGRADECIMENTOS**

Nesta ocasião, venho agradecer todos (as) aqueles (as) que estiveram comigo nesta trajetória acadêmica. Que me viram evoluir de alguma forma nos conhecimentos adquiridos. Foram muitas emoções! Em sua maioria, os momentos vividos foram mais de alegria e aprendizado, pois, superaram todos os outros momentos de angústia. Enfim, foram muitas as pessoas que fizeram parte deste percurso, contribuindo para que este trabalho fosse concluído.

Em primeiro lugar, quero exaltar a Deus por ter me ajudado e inspirado nos dias mais turbulentos em que passei na realização deste trabalho e em toda minha vida, fora e dentro da academia. Louvando e agradecendo este que tem sido minha força maior sempre estendo meus agradecimentos.

Do fundo do meu coração, agradecer a professora e amiga Lucy Cristina Ostetto, que me viu chorar pelos corredores da universidade. Ela foi uma mãe para mim dentro da UNESC, me deu apoio e força, acreditou no meu potencial. Obrigada Lucy, por ser esta pessoa competente e profissional exemplar. Você foi minha luz em muitos momentos.

Aos meus pais, Walter e Olinda, meus amores, destacando o exemplo de mulher para mim, minha querida e protetora mãe, que me viu crescer tanto fora, como dentro da universidade, me segurou pelas mãos, aconselhou nos momentos mais difíceis da caminhada. Devo muito a você. Obrigada minha mãe.

Aos meus filhos, para os quais agradeço e engrandeço. Bruna, minha pequena grande menina, minha amigona, suportou minha ausência em alguns momentos, para a dedicação deste trabalho, assim como meu filho amado Kewin Gabriel, eles foram e são minha inspiração de vida, a certeza de que vale a pena viver. Agradeço também o meu fiel companheiro, meu esposo Cristiano que nunca desistiu de mim. Me fez dar valor a cada linha deste trabalho. Sem vocês eu não seria nada. Desculpe a falta nestes momentos meus amados. Vocês colaboraram e muito comigo.

A todos os meus familiares em especial ao Lucas Semeler meu genro que tenho como um filho. As minhas irmãs e irmão. Tenham a certeza que por várias vezes pensei em vocês enquanto escrevia este trabalho.

Aos meus e minhas colegas de universidade, em especial meus amigos e irmãos, Rodrigo Margotti, e Lisane Ferreira, (tri amigos) eles fizeram muita diferença na minha vida, foram realmente dois irmãos que ganhei para a vida toda. Todos os

seus conselhos me fizeram refletir e melhorar em tudo, meu amigo e minha amiga. Amo vocês.

Aos professores (as) do curso de História, pela paciência que tiveram comigo, obrigada pelo conhecimento compartilhado, e aqueles (as) que acreditaram que eu podia ir além dos meus limites, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

A UNESCO, ressaltando sua importância em minha vida, agradeço a imensa oportunidade de estudar nesta instituição, se não fosse por meio dela jamais poderia estar aqui escrevendo estes agradecimentos, realizando-me neste trabalho.

A direção da escola Oswaldo Hulse, pela compreensão e por acreditar que eu podia chegar até aqui, obrigada pela contribuição.

E, de forma muito especial, agradeço e saliento a imensa contribuição do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis – SC., em especial, as mulheres deste Movimento, vocês foram parte fundamental neste trabalho. Com certeza se não fosse pela contribuição efetiva de vocês, eu não poderia desenvolver este trabalho. Muito obrigada pela calma e empenho constante de vocês.

Todas estas instituições e pessoas foram e são muito importantes para mim. Cada um que aqui está citado, me levou a dar a cada dia um passo em direção ao meu objetivo, a conclusão deste trabalho.

Obrigada a todos e todas!

***“Mesmo que um pedaço do opressor esteja plantado profundamente dentro de nós, cada um de nós tem a escolha de aceitar esse pedaço ou desafiá-lo como parte do verdadeiro foco da mudança revolucionária.”***

***Patrícia Hill Collins***

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o **Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis – SC.: Mulheres, Pautas e Lutas de 2008 a 2016**. Objetivamos compreender como se deu a inserção dessas mulheres negras dentro do MNS. Bem como dar visibilidade à trajetória de luta do movimento em Siderópolis. As narrativas nos serviram como fontes, para tanto foram entrevistados 7 pessoas. 4 mulheres e 3 homens, com aproximadamente 1h e 30min de duração cada entrevista. Realizamos ainda observações e análises preliminares dos documentos deste movimento, como: Atas, documento de participação em evento, documento estatutário registrado e fotografias. A pesquisa dialogou com Benjamin (1994) colaborando com as narrativas, Certeau (2014), para refletirmos as táticas no contexto em que se insere esta pesquisa; Larkin (2003) que traz a contribuição com as abordagens sobre os (as) negros (as), desde a colonização europeia até os tempos atuais, Carneiro (2011) que reflete sobre o feminismo negro, bem como a posição da mulher negra na sociedade e os movimentos sociais entre outros. A pesquisa aborda num primeiro momento a trajetória de organização do movimento negro em Siderópolis. E num segundo momento foca nas experiências das mulheres negras no movimento, suas pautas, lutas e militância. A partir da pesquisa, conclui-se que a trajetória de luta das negras e negros em Siderópolis evidencia um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária por meio de diferentes táticas, reforçando a importância das mulheres na sua liderança. A presente pesquisa, procurou contribuir para a escrita da história de Santa Catarina a partir da escuta de mulheres e homens negros que ajudaram a organizar o movimento negro em Siderópolis.

**Palavras-chave:** Trajetória do Movimento Negro de Siderópolis. Mulheres negras. Táticas.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>PMC</b>	Prefeitura Municipal de Criciúma
<b>MNS</b>	Movimento Negro de Siderópolis
<b>MN</b>	Movimento Negro
<b>FNB</b>	Frente Negra Brasileira
<b>TEM</b>	Teatro Experimental do Negro
<b>MUCDR</b>	Movimento Unificado Contra Discriminação Racial
<b>MNU</b>	Movimento Negro Unificado
<b>SC</b>	Santa Catarina
<b>CPDOC</b>	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
<b>CGC</b>	Cadastro Geral de Contribuintes
<b>PT</b>	Partido dos Trabalhadores
<b>CNPJ</b>	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
<b>COPIRC</b>	Coordenadoria da Promoção Igualdade Racial do Município de Criciúma

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Símbolo do grupo Libertação .....	22
<b>Figura 2</b> - Registro da Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho .....	27
<b>Figura 3</b> - Comemoração de dez anos do Movimento Negro de Siderópolis .....	28
<b>Figura 4</b> - Estatuto da Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho .....	29
<b>Figura 5</b> - Continuação da ilustração 4 - Estatuto da Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho.....	30
<b>Figura 6</b> - Primeiro estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa ..	37
<b>Figura 7</b> - Continuação ilustração 6 - Primeiro estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa .....	38
<b>Figura 8</b> - Primeira alteração do estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa .....	39
<b>Figura 9</b> - Marcha das mulheres negras I .....	47
<b>Figura 10</b> - Marcha das mulheres negras II .....	48
<b>Figura 11</b> - Marcha da negritude catarinense I .....	49
<b>Figura 12</b> - Marcha da negritude catarinense II .....	50
<b>Figura 13</b> - Marcha da negritude catarinense III .....	51
<b>Figura 14</b> - Marcha da negritude catarinense IV.....	52
<b>Figura 15</b> - Objetivos da entidade I.....	54
<b>Figura 16</b> - Objetivos da entidade II.....	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 DE SOCIEDADE REACREATIVA À LUTA POR DIREITOS: MEMÓRIAS DO MOVIMENTO NEGRO EM SIDERÓPOLIS</b> .....	<b>17</b>
2.1 DA INVISIBILIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA .....	17
2.2 PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NEGRAS EM SIDERÓPOLIS .....	18
2.2.1 Grupo libertação.....	20
2.2.2 Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho .....	26
2.2.3 Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa.....	34
<b>3 A PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS ASSUMINDO A LIDERANÇA DO MOVIMENTO CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA DE SIDERÓPOLIS - SC. 2008 A 2016</b> .....	<b>41</b>
3.1 O FEMINISMO NEGRO: ALGUNS APONTAMENTOS.....	41
3.2 A INSERÇÃO DAS MULHERES NA LIDERANÇA .....	43
3.2.1 A mulher negra na liderança .....	44
3.2.2 A marcha das mulheres negras .....	45
3.2.3 As mulheres nos eventos .....	49
3.3 PRINCIPAIS OBJETIVOS DO MOVIMENTO NEGRO.....	54
3.4 IDENTIDADE NEGRA .....	56
3.5 PRINCIPAIS PAUTAS DO MOVIMENTO NEGRO .....	57
3.6 O MOVIMENTO NEGRO E A MULHER NEGRA HOJE .....	58
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>63</b>
<b>ANEXO (S)</b> .....	<b>66</b>
ANEXO A - O MENELICK / RIO DE JANEIRO. CIRCULOU 1915 A 1916 .....	67
ANEXO B - O XAUTER/ SÃO PAULO. CIRCULOU SOMENTE EM 1916.....	68
ANEXO C - O ALFINETE/ SÃO PAULO. CIRCULOU EM 1918.1919,1921.....	69
ANEXO D - O CLARIM DA ALVORADA/SÃO PAULO. CIRCULOU DE 1924 A 1933	70
ANEXO E - A VOZ DA RAÇA/ SÃO PAULO. CIRCULOU 1933 A 1937.....	71
ANEXO F - A PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL QUILOMBO DIRIGIDA POR ABDIAS NASCIMENTO EM 1948.....	72
ANEXO G - O GEDELÉS .....	73

ANEXO H - LUTADORAS EM BUSCA DE UMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA PARA TODOS (AS).....	74
ANEXO I - NILTON MARCIAL ALVES (CIELO), JOSE CARLOS DE SOUSA (TESTA/CALO) E JOÃO BATISTA AS SILVA (TITA).....	75
ANEXO J - DEBORA MARTINS ATUAL PRESIDENTE, ELIANA DOS SANTOS, APOIADORA DO MOVIMENTO, SANDRA MARTINS COORDENADORA DO PATRIMÔNIO DO MOVIMENTO E SUSANA MOTA, TESOUREIRA DO MOVIMENTO .....	76
ANEXO L - INTEGRANTES DO MNS COM A BANDA DE ROCK FORMADA POR ELES EM MEADOS DE 1984/85 .....	78
ANEXO M - ATA DO MOVIMENTO NEGRO SOBRE A ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA NA DÉCADA DE 2000 .....	79
ANEXO O – FOLDER DA 1ª JEIJOADA DO MOVIMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUZA.....	81
ANEXO P – FOLDER COMPARTILHE SUA TARDE COM AS CRIOULAS .....	82
ANEXO Q – FOLDER BAZAR DAS PRETAS .....	83
ANEXO R – FOLDER 2ª FEIJOADA CRIZ E SOUZA.....	84
ANEXO S – 1º SIM AFRO – NOVEMBRO 2009, SIDERÓPOLIS - SC .....	85
ANEXO T - MOVIMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA DE SIDERÓPOLIS - SC PARTICIPANDO DO DESFILE CÍVICO EM SETEMBRO DE 2016 .....	86
ANEXO U - REGISTRO EM CARTÓRIO, DECLARANDO LUIZ FERNANDO SABINO PRESIDENTE .....	87
ANEXO V - ATESTADO DE FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE CULTURAL E RECREATIVA 5 DE JUNHO.....	88

## 1 INTRODUÇÃO

Quando nos debruçamos sobre o movimento negro<sup>1</sup>, observamos um certo silenciamento sobre o lugar de liderança ocupado pelas mulheres negras. Mas sabemos que elas existem, resistem e participam desta luta que se faz cotidiana. Neste sentido, objetivamos escutar algumas mulheres negras que participam do movimento negro em Siderópolis. É importante dizer que O Movimento Negro é um movimento social político que visa a conquista de direitos dos (as) negros (as)<sup>2</sup> na sociedade brasileira. Acredita-se que combater o racismo é resisti-lo, e persistir nestas buscas pelo qual a comunidade negra vem lutando dentro dos movimentos sociais.

Em de Siderópolis SC., o Movimento negro é criado por um grupo de pessoas que sentiram na pele o que é ser excluído do contexto social. Desta forma, existe uma trajetória destas lutas e conquistas. No qual, iremos falar desde os primeiros passos com até os dias atuais.

Neste sentido, o Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa<sup>3</sup> de Siderópolis, no qual estas mulheres se inserem é uma entidade que visa:

Combater o preconceito e a discriminação racial (racismo); resgatar e divulgar a participação dos africanos e seus descendentes na construção da nação brasileira; debater as questões de interesse e fomentar a justa inserção social dos afro-brasileiros; aumentar a autoestima e otimizar a imagem do (a) cidadã (o) negro (a) junto à sociedade sul catarinense e nacional.<sup>4</sup>

Esta pesquisa surge a partir de várias inquietações: “A história negra, bem como, o Movimento Negro tem sido ouvido em Siderópolis? As mulheres negras têm sido ouvidas? Isto posto, ao nos portar as mulheres na sociedade, de que mulheres estamos falando? Ao citar as mulheres silenciadas na história, estamos nos referindo

---

<sup>1</sup> Cf.: ALBERT, Verena. PEREIRA, Araújo, Amílcar. Cronologia dos Principais Momentos do Movimento Negro no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. KRAUS, Souza, Juliana. **Clotilde Lalau: Reflexões Sobre A presença Feminina No Movimento Negro em Criciúma (1970-1985)**. Criciúma: UNESC, 2007. 39 p. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense) Criciúma, 2007. NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

<sup>2</sup> Utilizamos no decorrer desta pesquisa o termo negros (as) para nos referir aos afrodescendentes.

<sup>3</sup> Importante salientar sobre “Sousa” escrito com S, dizer que nos documentos oficiais do Movimento Negro de Siderópolis - SC., a escrita encontra-se com Z, mas que com o passar dos anos verificou-se que seria relevante a escrita com S, para dar sentido ao nome do Movimento, que traz o nome do escritor negro “Cruz e Sousa”.

<sup>4</sup> Documento particular do movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis SC. Disponibilizado para análise, 01 de set. 2016.

a qual mulheres? Essas mulheres assumiram seus lugares na sociedade, mas que lugares são esses? Posto que, seu lugar era invisível, como é que se projeta as manifestações por melhores condições de vida? Como se estruturam as mulheres negras na sociedade brasileira, e qual meio utilizam para propagar suas militâncias?”

Portanto, nosso recorte para esta pesquisa situa-se entre 2008-2016, pois, verificou-se que a partir desta data as mulheres negras de Siderópolis ganharam destaque na sua militância, é a partir de 2008 que elas se fortaleceram na luta. Assim, objetivamos:

- Escutar as mulheres negras da cidade de Siderópolis - SC., mostrar que com a presença delas a história será vista por perspectivas diferentes. Lançando novos olhares para a escrita da história da população negra desta região, além de contribuir para a inserção social das mulheres negras na sociedade;
- Compreender como se deu a inserção dessas mulheres negras dentro do Movimento Negro de Siderópolis, saber os motivos que levaram essas mulheres negras a militarem;
- Contribuir na escrita da história sobre a presença da população negra em Siderópolis - SC;
- Dar visibilidade aos negros e negras desta região.

Compreende-se que as lutas das mulheres negras precisam ser visibilizadas, pois como tão bem pontuou Carneiro ao se colocar como uma mulher negra:

Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura. Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade, porque o mito da democracia racial presente em todas nós torna desnecessário o registro da cor dos pacientes nos formulários da rede pública. (CARNEIRO, 2011, s/p).

Neste sentido, pode-se dizer que as mulheres negras ainda são vistas por meio de estereótipos estabelecidos na sociedade brasileira, a partir de uma concepção europeia. Por esta razão, a invisibilidade das mulheres negras percorre longos caminhos na história do Brasil. Cabe lembrar que neste processo, as mulheres negras assumiram lugares na sociedade e tiveram no movimento negro uma acolhida.

Nesse sentido o que estas mulheres têm a nos dizer sobre suas lutas, conquistas e empoderamento? Para ouvi-las, lançamos mão da história oral pois:

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997, p.7).

Reforçamos que a história oral se fez necessária, pois, ela contribui efetivamente neste trabalho, de modo a favorecer a (re) construção de suas experiências à medida que narravam suas histórias. Benjamin (1994, p.198) onde afirma que, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” Além disso, é preciso considerar que “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1994, p.197).

Para tanto, foram ouvidas, sete pessoas, entre elas quatro mulheres e três homens<sup>5</sup>. Ao ouvir estas narrativas interligamos com a discussão acerca das questões que envolvem a história oral, isto é, dizer que por meio da oralidade conseguimos conhecer pontos relevantes sobre o Movimento Negro de Siderópolis. Ademais, conseguimos preservar aquilo que Benjamim (1994) aborda como estando em extinção, as narrativas. Considerando que os meios de comunicação tecnológicas vem trazendo de certa forma um descomprometimento com as narrativas. Portanto as narrativas foram colocadas em destaque nesta pesquisa. Mas, é preciso:

Reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito. Estes mesmos limites talvez constituam um de seus principais interesses. [...] Tais

---

<sup>5</sup> Eliana dos Santos, Apoiadora do Movimento Negro de Siderópolis. Debora Martins, atual presidente do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa e Sandra Martins, Coordenadora de Patrimônio do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa, entrevistas concedidas em agosto de 2016. Susana Mota, Tesoureira do Movimento Conscientização Negra Cruz E Sousa, entrevista concedida em setembro de 2016. Nilton Marcial Alves, Jose Carlos de Sousa e Joao Batista da Silva, entrevistas concedidas em outubro 2016, estes atualmente são apoiadores do Movimento Negro de Siderópolis. Encontra-se em anexo desta pesquisa fotos destes integrantes que participaram com suas narrativas.

omissões, voluntárias ou não, suas deformações, suas lendas e os mitos que elas veiculam, são tão úteis para o historiador quanto as informações que se verificaram exatas. Elas nos introduzem no cerne das representações da realidade que cada um de nós se faz e são evidência de que agimos muito mais em função dessas representações do real que do próprio real. (JOUTARD, 2000, p.34).

Utilizou-se também de um levantamento de fontes documentais: Atas de algumas reuniões do Movimento. Alguns apontamentos de livro caixa. Recorte de jornal, Folha dos Municípios, contendo participação em evento. Fotos dos integrantes do Movimento, bem como, algumas participações e promoções de eventos que constam para verificação em anexo desta pesquisa.

É importante salientar, a contribuição afro-brasileira na história da cidade de Siderópolis, que não é evidenciada, pois destaca-se a etnia Italiana, segundo este blog Extração Sul Mineração:<sup>6</sup> “A presença italiana foi tão forte que atualmente grande parte da população é bilíngue, mantedora dos dialetos italianos”. Nota-se que, é focado na etnia italiana, não a desmerecendo, mas existe lacunas que precisamos abordar, ou seja, a etnia negra não é destacada, sendo esta pouco falada e visibilizada na história de Siderópolis - SC.

Partindo desta reflexão, é relevante pontuar que a cultura afro-brasileira é parte constitutiva da sociedade brasileira, e também foi na cidade de Siderópolis. Ademais a presença africana e afro-brasileira está presente em todas as cidades brasileiras, mas ainda se encontra silenciada na história do Brasil bem como suas lutas e formas de organização e táticas de resistência. Desse modo, pretende-se corroborar na compreensão de que o Movimento Negro faz parte da sociedade, contribuindo para dar visibilidade para a cultura negra, já que, o Movimento Negro traz em suas raízes as questões que envolvem suas lutas, suas histórias e suas culturas. Relacionados aos aspectos citados, atenta-se para a direção desta pesquisa, que corresponde a cultura política, trabalho e relações de poder, uma das linhas de pesquisa do curso de história da UNESC.

Nosso referencial teórico dialoga com Benjamin (1994) sobre as narrativas, Certeau (2014), para refletirmos sobre o conceito de tática; Nicolazzi (2010) sobre Hartog colaborando coma história do tempo presente; Portelli (1997), é outra fonte, contribui com a história oral, Albert e Pereira (2007) nos auxiliaram na trajetória do Movimento Negro no Brasil. Trazendo reflexões sobre o MNS; Cardoso e Rascke

---

<sup>6</sup> Encontra-se o endereço eletrônico nas referências desta pesquisa.

(2014) irão dar embasamentos teóricos para os conceitos ligados as relações raciais e também sobre as leis que amparam os negros e negras no Brasil; Goss (2006) traz contribuições, a partir de sua publicação no livro: Trajetórias militantes em uma organização do movimento negro de Florianópolis: Negros em Santa Catarina; A autora, Larkin (2003) traz a contribuição efetiva nas abordagens sobre os (as) negros (as), desde a colonização europeia até os tempos atuais, compreendendo o processo de luta dos negros (as) no Brasil; Carneiro (2011)<sup>7</sup> Nos traz reflexões sobre o feminismo negro, bem como a posição da mulher negra na sociedade e movimentos sociais, a inserção da mulher negra nestes movimentos. Portanto, esses foram os principais referenciais teóricos abordados e estarão presentes tanto na primeira como na segunda parte desta pesquisa.

O trabalho foi assim estruturado: o primeiro capítulo desta pesquisa, tem por título: De Sociedade Recreativa À Luta Por Direitos: Memórias Do Movimento Negro Em Siderópolis, traz uma abordagem a respeito da trajetória do Movimento Negro de Siderópolis - MNS, desde as primeiras manifestações e criação do MNS até o período atual. Escutamos desta forma, os primeiros fundadores a saber sobre os primeiros passos na luta para dar visibilidade as negras e negros de Siderópolis.

Já a segunda parte deste trabalho, é: A Presença das Mulheres Negras Assumindo a Liderança do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis - SC. 2008 a 2016. No qual trataremos da militância, e das pautas de lutas que essas mulheres negras promovem dentro do Movimento. Saber ainda, quem são essas mulheres, como se deu a entrada delas na liderança do MNS, como também dar visibilidade, escutando suas vozes para a elaboração deste trabalho e, por conseguinte a inserção destas mulheres negras na sociedade.

O trabalho consta ainda de Conclusão, Referências e Anexos.

---

<sup>7</sup> Ver também: CARNEIRO, Sueli. Raça e etnia no contexto da conferência de Beijing. In: **O livro de saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Criola/Palas, 2000.

## 2 DE SOCIEDADE REACREATIVA À LUTA POR DIREITOS: MEMÓRIAS DO MOVIMENTO NEGRO EM SIDERÓPOLIS

Nesse primeiro capítulo se faz necessário contextualizarmos a trajetória do movimento que se iniciou na década de 1985 como Grupo Libertação, na década de 1987 passou a se chamar “Sociedade Cultural e Recreativa 5 de junho” e a partir de 2001 se intitula Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa.

### 2.1 DA INVISIBILIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA

Para entender o contexto que se insere a pesquisa, qual seja, o município de Siderópolis, é preciso situá-lo no território catarinense o qual se destaca bem mais do que qualquer outro Estado brasileiro, como um estado que se construiu tendo como referência os traços europeus, Sprícigo (2007, p.13) é enfático quando afirma que “Santa Catarina é reconhecida nacionalmente como “um pedaço da Europa no Sul do Brasil.” Reforçando a invisibilidade de outras diferentes culturas, como a afro-brasileira isto porque, houve um apagamento de tudo o que não era europeu. E assim se construiu uma ideia de que as cidades catarinenses se destacam por serem colonizadas e por manterem tradições europeias ainda na atualidade. Ideia que também se vincula à cidade de Siderópolis. Deste modo, a ênfase se dá sempre em volta daqueles se autodenominam como superiores as demais culturas. Trazendo a representação do embranquecimento, sendo assim,

O embranquecimento social e o brancocentrismo cultural manifestam-se na nossa realidade lembrando a história racista passada na reprodução das desigualdades do hoje. Quando olhamos nossa sociedade nos deparamos com sua estratificação seletiva (ou favelização pontual). Nos deparamos com as pessoas que estão à margem e que são, de fato, produtos desta realidade sócio-histórica que construiu e ainda se reproduz na negação da identidade dos seres não brancos. E esse fato na sua constituição representa o processo de embranquecimento social, pelo qual a negação do ser e sua expurgação enquanto um “outro” que “não-é” se erigam na descaracterização de todo traço cultural e social que vem junto da etnia, da cor e da vivência dos povos, resultando na perda da identidade social, humana e na própria apropriação cultural. (MACHADO, 2015, s/p).

Mas, contrariando esta ideia, os negros também se fizeram presentes na história de Siderópolis construindo uma trajetória de luta. Nesse sentido, como foram

construindo suas táticas de luta? Assim caminhamos para as primeiras manifestações negras.

## 2.2 PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NEGRAS EM SIDERÓPOLIS

É De Certeau<sup>8</sup> (2014, p.47) a ideia que nos diz sobre como diferenciar as táticas de lutas:

Para diferenciar os tipos de tática, podem-se encontrar modelos na retórica. Nada de surpreendente, pois, de um lado, ela descreve os “rótulos” de que uma língua pode ser simultaneamente o lugar e o objeto e, de outro, essas manipulações são relativas às ocasiões e às maneiras de mudar (seduzir, persuadir, utilizar) o querer do outro (destinatário). [...] Para descrever essas práticas cotidianas que produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo, impunha-se um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo: *a leitura*.

Assim uma das táticas da população negra de Siderópolis foi se organizar enquanto movimento para conquistar espaços e reivindicar direitos.

Considerando que a sociedade brasileira, é investida de preconceitos, discriminações, e que criou ao longo do tempo ideias estereotipadas com relação a imagem dos negros e negras, construiu-se uma sociedade excludente, que discrimina de forma desumana a população negra desde o princípio, até os dias atuais.

Ou seja, nota-se que para os ocidentais os (as) negros (as) se tornaram não ascendentes no contexto sociocultural. Dessa forma, ainda permanece vivo na sociedade brasileira o que Carneiro (2011, s/p) considera como: “história ou reminiscências do período colonial”, quando houve o domínio explorador sobre os (as) negros (as), usando da sua mão de obra escrava.

Além do mais, eram cruelmente violentados (as) e vistos como rebeldes, antissociais, e isso deixou marcas irreparáveis na vida da população negra. Marcas históricas. Contudo, nunca desistiram de ir em busca de seus objetivos, a propósito, segundo Krauss (2007, p.12), “continuaram promovendo suas culturas e visões de mundo, em manifestações individuais e coletivas, nos quilombos, irmandades, terreiros e senzalas.” Os negros têm um histórico de resistências de longa data, por isso de acordo com Larkin (2003, p.222), “o Movimento Negro surge no início do

---

<sup>8</sup> CERTEAU, de Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis RJ. Ed. 21. Vozes. 2014. 316 p.

século XX como herdeiro de uma luta já em movimento desde os primórdios da constituição do Brasil.”

O Movimento Negro então ele é um movimento social político que visa a conquista de direitos dos (as) negros (as) na sociedade brasileira. Acredita-se que combater o racismo é resisti-lo, e persistir nestas buscas pelo qual a comunidade negra vem lutando dentro dos movimentos sociais.

Nesta luta é importante destacar, sobre o século XX a existência de “um conjunto de jornais, publicados também na cidade de São Paulo a partir de 1915, e que, nos anos 20, passaram a ter um caráter de denúncia da discriminação racial. Era a chamada ‘imprensa negra paulista’, de onde surgiram alguns dos fundadores da FNB.”<sup>9</sup> (ALBERT; PEREIRA, 2007, p.144). Além disso, esta ‘imprensa negra paulista’ como foi chamada pelos principais periódicos estudados na década de 1950 por Roger Bastide e Florestan Fernandes, e aqui denominamos alguns dos mais relevantes deste período:

*O Menelick*, em 1915; *A Rua e o Xaute*, em 1916; *O Alfinete*, em 1918; *A Liberdade e O Bandeirante*, em 1919; *A Sentinela*, em 1920; *O Kosmos*, em 1922; *P Getulino*, em 1923, e *O Clarim*, posteriormente *O Clarim d’Alvorada*, em 1924. Todos, à exceção de *O Getulino*, de Campinas, eram publicados na cidade de São Paulo. *O Clarim d’Alvorada*, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar. Em 1933 começou a circular o jornal: *A Voz da Raça*.<sup>10</sup> (ALBERT; PEREIRA, 2007, p.473).

Assim a imprensa negra se coloca como um forte instrumento de luta e conscientização. Para tanto, é possível, notar o quanto este processo de luta dos (as) negros (as) vem sendo articulado com as políticas sociais e enfrenta dificuldades ao longo do tempo. Visto que o Movimento Negro, é defensor de políticas-sociais que difere das políticas-públicas e isto acaba gerando conflitos. Pois para adquirir direitos para a comunidade negra, é preciso discutir políticas públicas. Essas por sua vez, acaba tornando as pautas relacionadas aos negros (as), pautas de segundo plano.

Neste caso, é considerado uma forma de resistir e lutar por seus espaços na sociedade. Por meio das políticas sociais, que não depende de nenhum órgão governamental, o Movimento Negro resiste, levantando bandeiras de lutas em favor dos (as) negros (as), sempre evidenciando as causas dentro dos movimentos sociais.

---

<sup>9</sup> Frente Negra Brasileira.

<sup>10</sup>Encontra-se em anexo algumas fontes fotográficas destes jornais.

Dessa maneira, ao nos portarmos ao MNS, os mesmos relataram que havia algo que incomodava naquela época (década de 1980), que era preciso fazer algo, neste sentido, apelaram para a criação de um grupo formado inicialmente por jovens negros e negras. Eles queriam ser valorizados e respeitados, como entrar e sair de um estabelecimento sem que passassem por situações constrangedoras de racismo e preconceito. Ainda que muito se alcançou, eles dizem que falta muito, que esta luta por direitos e igualdade não terá fim, mas que é preciso permanecer na luta resistindo, reivindicando e se organizando em busca de estratégias para a valorização dos negros e negras na sociedade. Dessa maneira, João Batista diz que:

O movimento negro, tanto em Siderópolis, como Criciúma, como São Paulo, Bahia, ele nasceu com um propósito, a valorização da raça negra. [...] Eles (os brancos) selecionavam. Então este tipo de seleção a gente começou a questionar muito. A gente queria a valorização da raça.<sup>11</sup>

Nesse sentido, existe uma trajetória destas lutas e conquistas.

### **2.2.1 Grupo libertação**

Eliana diz que desde o início os homens tomaram a frente, que eles foram os primeiros a pensar sobre a luta dos negros em Siderópolis, mas sempre com a participação das mulheres. Portanto, ao relatar sobre o início do movimento, ressalta que:

No início de tudo até pela nossa própria educação da gente, não que eles não dessem espaço, os rapazes, os guris né, porque eram tudo uma gurizada [...], mas nós nos sentíamos melhor com eles na presidência, eles como homem, porque a gente tinha sido educada pra isso. Porque queira ou não queira a nossa presença sempre foi muito forte dentro do movimento, porque se não fosse nós as coisas não saiam. Até porque a gente era mulher valente, mulher de atitude, tava ali. Bom, quando tu começa a militar tu sabe já sabe com quem tu vai militar né?<sup>12</sup>

Assim como protagonistas na organização do movimento negro podemos ressaltar a participação de Jose Carlos de Sousa, Nilton Marcial Alves, Néri Gonçalves, João Batista da Silva., juntamente com a Eliana dos Santos e a Maria de Fátima dos Santos que hoje encontra-se afastada do Movimento por questões de

---

<sup>11</sup> João Batista da Silva. Entrevista. Op. Cit.

<sup>12</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

saúde, que por sinal ela é irmã de Eliana. Dessa maneira, o Movimento começa a se posicionar, elegendo um presidente: Jose Carlos da Silva, (Calo)<sup>13</sup> foi o primeiro presidente do movimento, nesta época ainda se chamava, “Grupo libertação”. O grupo libertação tinha como objetivo:

Lutar contra o racismo enfrentado dentro município. Percebeu-se que as oportunidades para o povo preto não estavam acontecendo, como para os brancos. Ex.: empregos com maiores salários, até dentro do poder público também não tínhamos representantes.<sup>14</sup>

Nilton<sup>15</sup>, um dos entrevistados lembra sobre o significado do nome deste movimento: “Tanto é que tinha até um símbolo do Libertação com a corrente. Era nós abrindo a corrente.”

Neste sentido, podemos inferir que ao utilizarem como nome do movimento “Libertação” estavam se colocando como sujeitos de uma história que passava por uma consciência de sua condição. E que, mais do que isso, deveriam agir lutando como um elo aberto que diz não ao preconceito e toda forma de discriminação. Desta forma era, “uma corrente com elo aberto. [...] Então a ideia era essa, porque nós sabíamos que éramos “libertos” não éramos “escravos”, mas tipo, nós sempre esbarramos em situações. No preconceito!”<sup>16</sup>

O símbolo sobre o qual se refere o entrevistado pode ser percebido pela imagem a seguir:

---

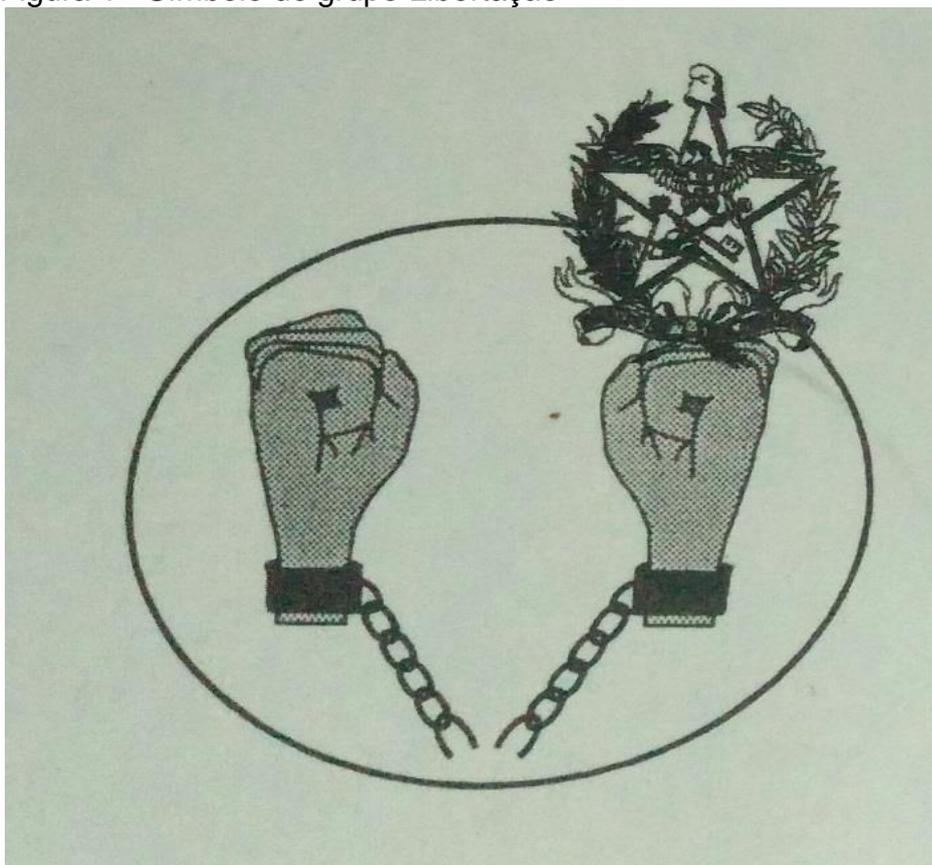
<sup>13</sup> José Carlos de Sousa. Op.Cit.

<sup>14</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>15</sup> Nilton Marcial Alves. Entrevista. Op. Cit.

<sup>16</sup>Nilton Marcial Alves. Entrevista. ibidem.

Figura 1 - Símbolo do grupo Libertação



Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis (2016).

Também como uma tática nas palavras de De Certeau (2014) as algemas representam uma ideia de não mais se calar. Punhos fechados, na luta. E o símbolo de Santa Catarina como local de pertencimento.

E continuam suas narrativas contextualizando a importância de se organizarem enquanto movimento, assim nos fala Eliana que eles, “Tinham a necessidade dos negros se encontrarem não só numa festa, mas pra debater nossos interesses, nossos assuntos [...]”.<sup>17</sup> Portanto, José, ainda lembra como foi que surgiu a ideia de ser criado um grupo para lutar pela causa do (as) negros (as): “A ideia partiu em 84/85 [...] foi realizado casualmente no dia do meu aniversário, dali saiu o corpo diretório, que depois, nós incluímos o Tita (se refere ao outro fundador do MNS).”<sup>18</sup>

Nesta ocasião, João Batista, o “Tita” reafirma a ideia de José Carlos, sobre os interesses do MNS para com a população negra neste município:

Nós tínhamos sonhos, sonhos de incluir o negro na sociedade, de fazer parte da sociedade. E na época, por exemplo assim: existia o grupo de jovens,

<sup>17</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op.cit.

<sup>18</sup> Jose Carlos de Sousa. Entrevista. Op. Cit.

correntes, e participavam pessoas brancas e negras. [...] Aí como tinha este grupo de jovens correntes e nós queríamos incluir o negro no contexto da juventude tudo reunir o pessoal da raça negra, aonde em paralelo foi criado o grupo de jovens libertação. [...] E dali pra frente...<sup>19</sup>

Percebe-se por essas falas, que eram jovens e com olhar para o futuro dos negros e negras, como menciona, que não mediram esforços para que isto acontecesse, porém tinham a consciência de que estavam em uma sociedade de colonização italiana, e que dificultou essa inserção do negro, Jose Carlos diz que: “quando a gente é jovem a gente esquece das dificuldades, a gente nasceu com força. [...] Nós temos a dificuldade que estamos numa cidade que a italianada não aceitavam de jeito nenhum .”<sup>20</sup>

As ideias surgem em conjunto, e segundo nos pontuou Nilton: “O intuito na verdade, de tudo que já foi falado, era a necessidade de a gente ter um espaço nosso. Para nós poder fazer festas, integração”<sup>21</sup>, pois ressalta que havia segregação sobre os locais de lazer em Siderópolis:

Recreio era o clube dos brancos e União Mineira era dos negros. Até isso era uma das nossas lutas...

Eu, o Calo, a Santa, à Tona (Santa ex integrante do MNS e Tona uma colega dos entrevistados) nós fomos ali pra entrar, casa cheia, fomos em quatro negros para entrar, quando chegou na porta os caras olharam pra nós e pediram uma carteirinha social:

\_ Não, mas nós não temos carteirinha social.

\_ Mas para entrar aqui tem que ter carteirinha social.

Daí a gente pô, olhamos um para o outro e, ficamos na porta esperando, discutindo o que que tava acontecendo. Até então a gente não tinha entendido o que estava acontecendo. Ai então nós ficamos olhando... Então, quando a gente viu, todos os brancos chegavam botavam a mão no bolso, pagavam e entravam e não tinha carteirinha, não se pedia.

Ai então eu me posicionei do lado da bilheteria pra ver se ela (se refere a pessoa da bilheteria) tava pedindo carteirinha social, e a guria não pediu! Aí a gente questionou:

\_ Na verdade é que a gente conhece o pessoal ali...

Mas, na verdade, é que eles queriam selecionar, e nós não estávamos dentro desta seleção. Ai a gente sentiu na pele!

Não tinha que ser sócio, essa carteirinha era uma maneira de barrar quem eles não queriam que entrasse.<sup>22</sup>

Jose Carlos menciona que a seleção era por questões raciais nestes estabelecimentos. E a partir destes enfrentamentos os negros e negras começaram a perceber que precisavam se posicionar, começaram então, a ter mais sensibilidade

<sup>19</sup> João Batista da Silva, Entrevista. Op. Cit.

<sup>20</sup> Jose Carlos de Sousa. Entrevista. Op. Cit.

<sup>21</sup> Nilton marcial Alves. Entrevista. Op. Cit.

<sup>22</sup> Nilton marcial Alves. Entrevista. ibidem.

em relação a população negra de Siderópolis: “Foi a partir daí que nós percebemos que tinha alguma coisa errada, e a fazer alguma coisa. Então a ideia nossa era construir um salão social [...]”<sup>23</sup>

Neste sentido, a fala se volta para as memórias em relação as lutas enfrentadas historicamente pelos (as) negros (as) na sociedade:

Essa coisa parece que ela vem de senzala, ela vem de senzala. Porque assim, as coisas aconteciam, e parece que tinha alguém dizendo que tinha que ser daquele jeito. Porque assim oh [...] nós não pedimos pra tá aqui, [...] então como nós não pedimos pra tá aqui quem é que duvida, que eu, o Cielo e o Calo, lá na África, era um príncipe, um rei, era filho de um príncipe? [...] Tem negros com a cabeça mais aberta e tem negros aqui do Brasil, que tem uma ânsia de querer explodir. Como a segregação racial na época era muito. Hoje ainda... Então, fica preso dentro de ti mesmo...<sup>24</sup>

Nilton cita um exemplo sobre um caso de discriminação, vivido por um conhecido, em Siderópolis, era um negro, engenheiro formado, diz que na carteira profissional não tem nada registrado, ou que na verdade ele teria alguns contratos de estágios registrados. Porém, este profissional era um dos melhores engenheiros da região, muito bom nos cálculos de matemática, mas encontrava barreiras para exercer sua profissão dentro das empresas. Nilton lembra que a empresa de Florianópolis no qual ele prestava serviço e coincidentemente o engenheiro teria feito um trabalho itinerante para a mesma empresa. Diz ainda, que o trabalho dele foi reconhecido pelos líderes desta empresa, mas que, no entanto, não o contrataram. Por questões de preconceito, por conta de sua cor negra.

Neste momento, Joao batista ressalta que para os negros se acenderem na sociedade, teria que ser pelo ‘dom de Deus’. Pois, para ele, alguns artistas como Milton Nascimento e personalidades como o Pelé, através de seus dons, que foram reconhecidos pelo mundo inteiro. Segundo João Batista, “as personalidades mais faladas são pelo dom de Deus.” Em sua fala, diz que se o Pelé não tivesse este dom para o futebol, não iria ser reconhecido como é atualmente. Para os entrevistados, estas personalidades, poderiam estudar durante dez anos e talvez nunca iriam ser reconhecidos como são hoje. Liga-se a isto o exemplo citado por Nilton do engenheiro. Porém, João Batista conta, que Joaquim Barbosa é um dos exemplos de negro empoderado.

---

<sup>23</sup> Nilton Marcial Alves. Entrevista. Ibidem.

<sup>24</sup> João Batista da Silva. Entrevista. Ibidem.

Eliana, relembra também esses primeiros passos dados pelo movimento apontando sobre a condição das mulheres negras neste período:

As mulheres sempre estiveram junto, na luta, mas nos primórdios preferiam que os homens fizessem “tudo”, até porque, foram ensinadas que era o homem que devia ocupar os lugares de chefia, ou mesmo quando se tratava de sair às ruas para divulgar eventos, as vezes à noite, era o homem que devia ir. Mulheres não podiam andar nas ruas as dez horas da noite para levar ou trazer alguém de um evento, “a sociedade era/é machista”, mas, naquela época era bem mais.<sup>25</sup>

De certa forma, sua fala corrobora para refletirmos sobre o contexto social no qual se inseriram as mulheres, já fazendo uma ligação com o presente, pois, ainda se nota uma fala que traz resquícios do passado quando utiliza o termo ‘machista’ para lidar com a sociedade em que vive hoje. Dessa maneira, é preciso dizer que a sociedade vem repensando as questões ligadas a construção de gênero, e que a mulher negra também se coloca na luta.<sup>26</sup>

Neste sentido, cabe mencionar o que Louro (1997) defende como pontos principais para ser pensado sobre a sociedade, que são as questões atadas ao gênero, sexualidade e poder. Sendo assim, essas vertentes se fixam sob as questões de padrão masculino e feminino. Louro (1997), os meios justificam os fins, quando a autora sugere ser pensado em uma ruptura deste pensamento que afasta o masculino do feminino. No entanto, coloca que as relações de poder determinam este processo construído historicamente. “A forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.” (LOURO, 1997, p.21)

E é importante também ressaltar a importância do feminismo negro que traz para o debate suas especificidades, o qual abordaremos posteriormente. Assim, compreendemos que o movimento Libertação foi um passo importante na luta dos negros e negras de Siderópolis, dizer que a partir dele começam a pensar sobre a condição dos negros na sociedade. E que portanto, a reflexão começa a gerar frutos.

---

<sup>25</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>26</sup> Sugestão de leitura: COSTA, Claudia Lima de. Feminismos descoloniais para além do humano. **Revista Feministas**. 2014.929-934p. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36754/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

### 2.2.2 Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho

Mais tarde (1987), o Movimento muda o nome, passando a se chamar: “Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho”, ao ser indagado sobre a mudança e também o porquê da data 5 de junho, Sandra nossa entrevistada, nos elucida que: “A data 05 de junho, era a data do aniversário do presidente do movimento, que era o Calo, filho da dona Jandira. Aí começaram a chamar de “5 de Junho”.<sup>27</sup>

Assim sendo, o entrevistado José Carlos salienta que esta data 5 de junho foi coincidentemente a primeira reunião do Grupo Libertação no dia do seu aniversário.

Mas o interessante é que ninguém se deu conta, eu me dei conta porque era o meu aniversário e eu não ia esquecer né! Mas o pessoal não se deu conta, eu acredito que se o pessoal tivesse se dado conta... mudaria o nome. Muita gente me pergunta, questiona pra mim porque 5 junho? Quem nasceu em 5 junho? Quem foi o negro em 5 junho? (risos) e eu não sei explicar. (risos).<sup>28</sup>

Nesta ocasião Nilton, “Cielo” diz que: “É que a gente estava na festa de aniversário e já resolvemos fazer, marcamos ali pro final tarde e...”

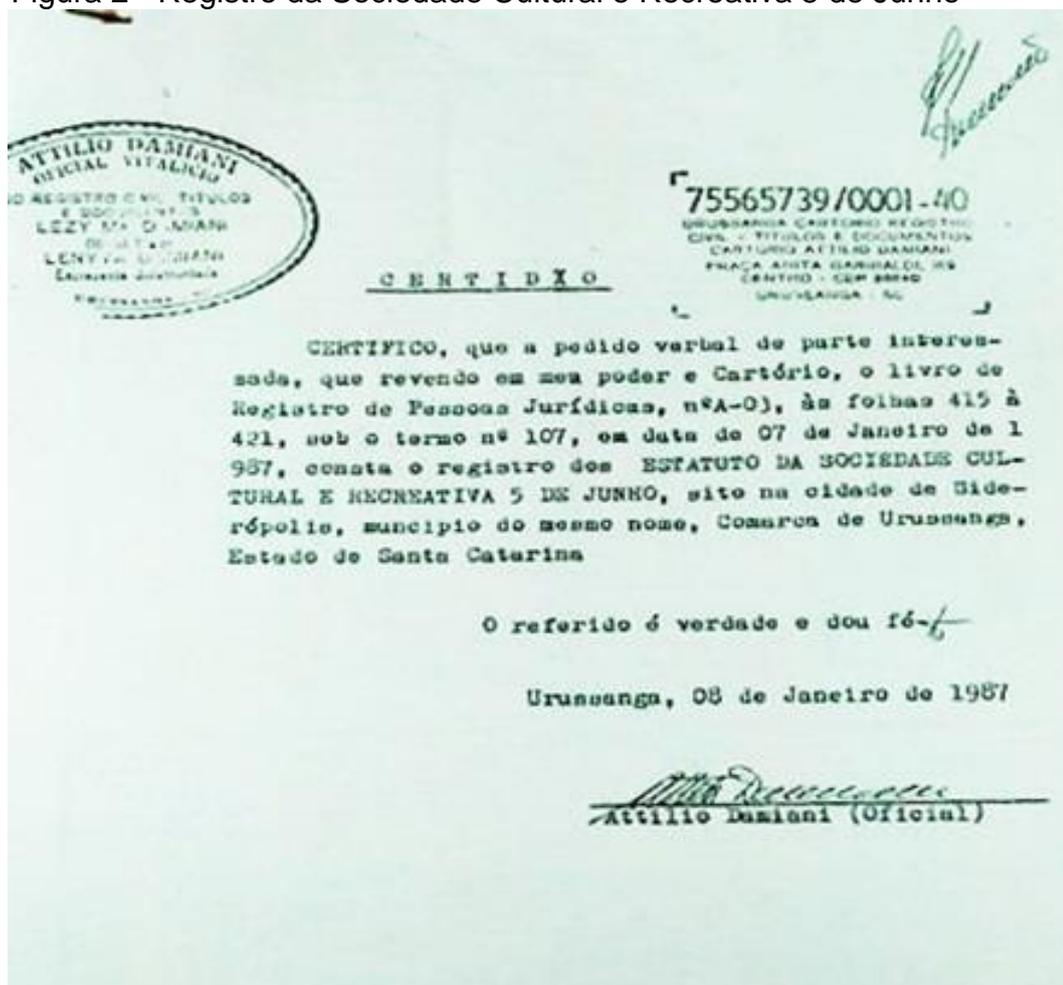
Neste sentido, apuramos as fontes, nas análises não foi encontrado documentos que falassem sobre o ‘Libertação’, e realmente somente documentos referentes ao 5 de junho. Percebeu-se que é a partir do 5 de junho que o Movimento Negro começa a se fortalecer em Siderópolis, e que, portanto, nota-se, que é com o 5 de junho que se oficializa, com estatuto, registro de CNPJ, bem como, registro de conta bancária e seu registro em cartório no dia 07 de janeiro de 1987 Conforme ilustrado no documento abaixo:

---

<sup>27</sup> Sandra Martins. Entrevista op. Cit.

<sup>28</sup> Jose Carlos de Sousa. Entrevista. Op. Cit.

Figura 2 - Registro da Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho



Fonte: Acervo particular do Movimento Negro de Siderópolis (2016)

Conforme nos relataram era preciso registrar o Movimento Negro para questões de eventos, ofícios etc. para que legalmente ele pudesse existir.<sup>29</sup>

Era necessário registrar, mas principalmente destacar que a presença negra tinha seu lugar e que estavam presentes na sociedade como uma sociedade cultural e recreativa. Justificando a importância de ter um espaço de lazer para a população negra de Siderópolis, podendo também ser visto como uma tática para se engajarem na luta. Podemos perceber esta preocupação inicial na fala de José Carlos: “tinha necessidade dos negros se encontrarem não só numa festa, mas pra debater nossos interesses, nossos assuntos.”<sup>30</sup>

Sendo assim seus argumentos giram em torno deste espaço físico para a população negra integrar-se no meio social. Além disso, a criação deste espaço era

<sup>29</sup> Ver anexos .

<sup>30</sup> Jose Carlos de Sousa. Entrevista. Op. Cit.

mais uma forma de auto afirmarem sua presença na sociedade. A imagem a seguir é da comemoração de dez anos do MNS, mais precisamente o 5 de junho, após a mudança do nome de libertação:

Figura 3 - Comemoração de dez anos do Movimento Negro de Siderópolis



Fonte: Arquivo pessoal do Entrevistado José Carlos (2016).

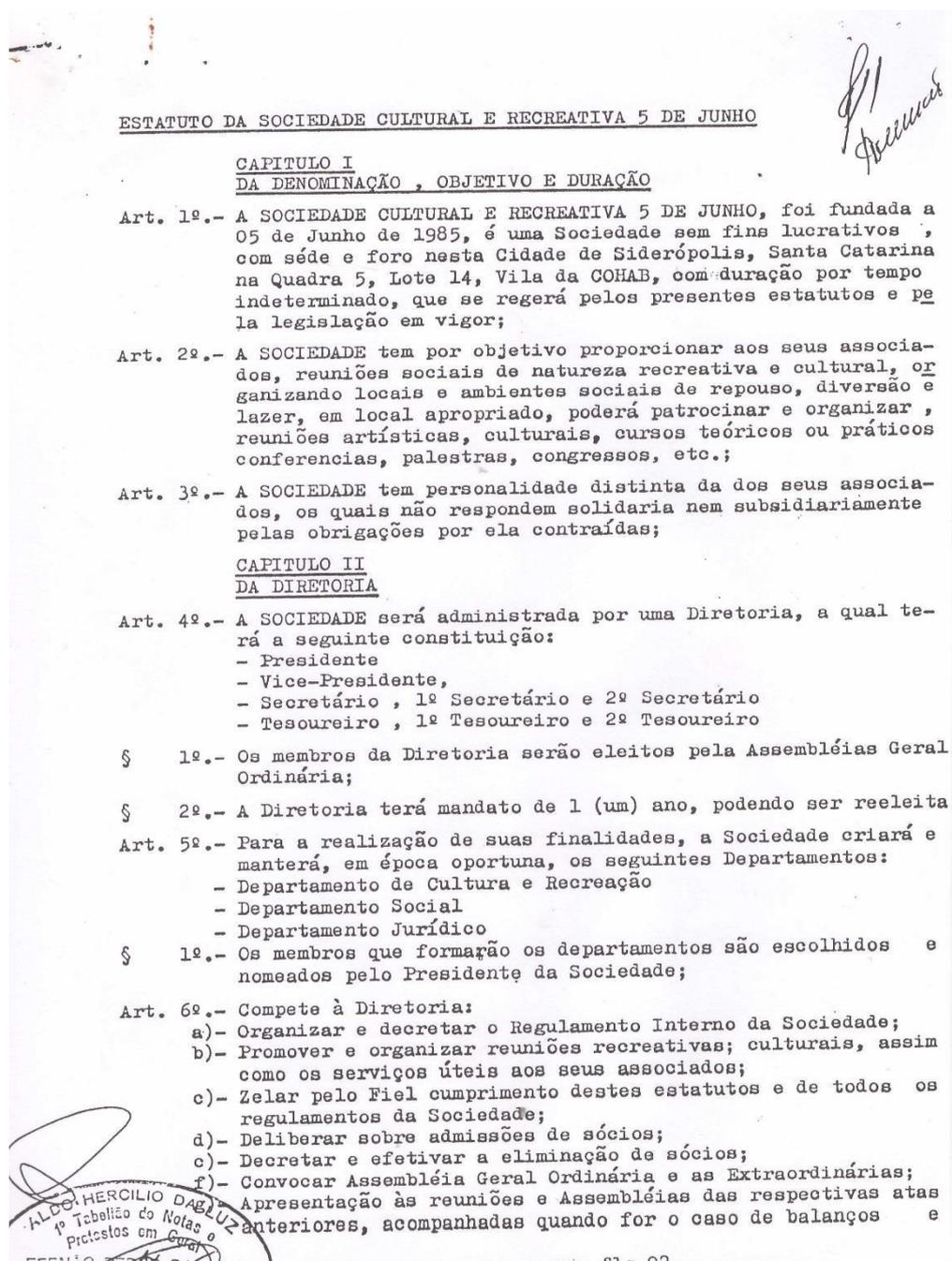
Observa-se fortemente a presença da população negra, uma imagem de afirmação e que comprova a resistência dos (as) negros (as) na sociedade. Nosso entrevistado José Carlos (Calo) visto também na imagem acima sendo ele o 5º da direita para esquerda, agachado. Podemos observar as vestimentas, como também os acessórios utilizados pelos homens e pelas mulheres. Estes são utilizados não como simples acessórios, adereços, mas como uma maneira de resistência, como as roupas, cabelos, colares, tecidos, são utilizados como afirmação e pertencimento. Eliana aponta sua opinião sobre estas vestimentas: “Para mim na época era uma afirmação, coragem e alegria! Hoje, vejo como forma de identidade e também de resistência. Querendo realmente ser vista (existimos!).<sup>31</sup>

Ainda observando os documentos, verifica-se o primeiro estatuto promovido pelo 5 de junho reconhecido em cartório. Essa fonte traz informações importantes sobre o como se organizava o Movimento Negro nesta época. Foi percebido que em suas páginas, nada era especificado a respeito das causas dos (as)

<sup>31</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

negros (as), apenas o que ele dispõe são de informações de como cada integrante deveria se portar para as suas devidas funções dentro do MNS, como também, o modo como funcionava as eleições, os deveres e direitos dos sócios. Considerando que neste momento ainda era uma sociedade recreativa. Esses e outros dados, podem ser verificados no documento que segue sobre os objetivos deste estatuto inicial do 5 de junho.

Figura 4 - Estatuto da Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho



Fonte: Acervo particular do Movimento Negro de Siderópolis (2016).

Figura 5 - Continuação da ilustração 4 - Estatuto da Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho

Fls.02

*Assinado*

prestações de contas;

h)- Resolver sobre todas as reclamações que, devidamente fundamentadas, lhe forem apresentadas pelos Sócios;

i)- Dispensar total ou parcialmente, o pagamento de Jóia a qualquer dos sócios;

Art. 7º.- Compete ao Presidente:

a)- Representar a Sociedade oficialmente, em juízo ou fora dele;

b)- Convocar e presidir as Assembléias Gerais;

c)- Determinar os dias de reuniões da diretoria, convocá-la, extraordinariamente quando julgar necessária e presidir suas sessões, decidindo, com o seu voto de qualidade de presidente, todos os julgamentos em que haja empate;

d). Elaborar juntamente com a Diretoria, o relatório anual que depois de discutido submeterá ao parecer do Conselho Fiscal e posteriormente para aprovação em Assembléia Geral;

e)- Nomear e demitir os diretores de Departamentos, bem como, os empregados da Sociedade;

f)- Assinar com os demais membros da Diretoria, a correspondência da Sociedade, exceção de mero expediente, os balanços, balancetes mensais e os contratos de qualquer natureza cujo assunto tenha sido debatido e resolvido em reunião da Diretoria;

Art. 8º.- Compete ao Vice-Presidente:

a)- Auxiliar o Presidente em todos os seus trabalhos e substituí-lo em seus impedimentos.

Art. 9º.- Compete ao Secretário:

a)- Orientar e organizar os trabalhos da secretaria;

b)- Assinar com o Presidente as correspondências que lhe competirem;

c)- Prestar informações à Diretoria do movimento mensal da Secretaria;

e)- Lavrar e ler atas, das sessões de Diretoria e assina-las depois de lidas e discutidas, juntamente com o Presidente

f)- Apresentar e ler nas sessões a correspondência oficial da Sociedade com autoridades, associações diversas, sócios e demais pessoas, subscrevendo as que lhe competirem;

g)- Assinar juntamente com o Presidente, os Títulos de Sócio Proprietário;

h)- Fazer publicar os editais de Convocação das Assembléias e avisos de reunião da Diretoria;

Art.10º.- É de competência do 2º Secretário auxiliar o 1º Secretário em todos os trabalhos e substituí-lo nos seus impedimentos

Art.11º.- Compete ao Tesoureiro

a)- Arrecadar todas as importâncias devidas a Sociedade;

b)- Ter sob sua guarda os valores da Sociedade;

c)- Pagar as contas ou outras despesas da Sociedade, mediante o pague-se ou visto do Presidente;

d)- Lançar o movimento de entrada e saída de dinheiro no livro caixa, fechando-o no fim de cada mês;

e)- Organizar o balancete mensal, apresentando-o na primeira reunião da Diretoria;

ADD. 11º. - TABELÃO DA LEI  
Tabela do Notas e Protestos em Geral  
FERNÃO PEDRO DA LUIZ

Fonte: Acervo particular do Movimento Negro de Siderópolis (2016).

Verificamos que a finalidade para qual se organizava o Movimento era ter uma sede recreativa, um local para que a comunidade negra pudesse se integrar e disseminar seus ideais, além do mais, era uma técnica de autoafirmação dos negros e negras. Ou seja, era uma maneira que encontraram para afirmarem por meio da cultura sua negritude.

É oportuno ressaltar, que foram observados nas falas dos entrevistados o termo negritude, neste sentido ao ser indagado o que entendiam sobre negritude, Eliana diz que: “Entendemos negritude como uma forma mais fácil de agrupar e conscientizar. Mas, também entendemos que esse termo diminui. E para tirar esse termo, estamos ensinando o nosso povo aos poucos. Nelson Mandela agia também dessa forma.”<sup>32</sup>

Sua compreensão acerca do termo negritude tem fundamento, pois ao pesquisarmos sobre o termo encontramos fontes que se relacionam com o entendimento da Eliana. Neste caso, consideramos a origem deste termo.

A criação da palavra negritude, mais adequadamente, négritude em francês, deriva de *nègre*, termo pejorativo (séc. XX), utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *Noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. (DOMINGUES, 2005, p.4).

Domingues aponta que para Césaire, “[...] a negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específica.” (WACHHOLZ, 2016, p.105).

Dessa maneira, para se reunirem e promover seus eventos, tal como era a finalidade deste local, era preciso persistir e afirmar sua presença em Siderópolis SC. Ainda neste viés, é preciso observar que esta expressão é vista sob duas óticas de oposições:

A expressão da negritude gerava uma reação negativa por parte de intelectuais como Gilberto Freyre (importante intelectual brasileiro) que insistiam na cruzada pelos valores da mestiçagem e do luso-tropicalismo. O embate estava na discussão sobre o caráter da "democracia racial" no Brasil, ou seja, “se se tratava de realidade cultural (como queriam Freyre e o *establishment* conservador) ou de ideal político (como queriam os progressistas e o movimento negro) - acaba levando à radicalização das duas posições.” (GUIMARÃES, 2001 apud WACHHOLZ, 2016, p.105).

---

<sup>32</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

No entanto é relevante salientar que a negritude sobre no qual nossos entrevistados (as) se reportam, diverge do termo pejorativo que leva a expressão como já citado. Neste sentido, negritude significa dizer também que:

Quanto maior for o empenho da população negra e a preocupação pelo acesso ao conhecimento de sua história, bem como o compromisso com seus irmãos de “cor”, mais a negritude terá condição de justificar uma expressão. Além disso, negritude é movimento social, é organização do coletivo, é expressão das mais distintas manifestações culturais dos povos africanos e seus descendentes. [...] A negritude é um conceito potente e, sem dúvida, presente na discussão acerca das identidades negras. Sua origem pela resistência, mesmo que passiva ao contexto de alienação que dominava e marginalizava os povos de origem africana, tanto em seu próprio território, quanto nas diásporas implantadas nas matrizes colonialistas, é o que a torna um ponto de estofa para a causa negra. (WACHHOLZ, 2016, p.107-108).

Assim a negritude foi uma tática para que pudessem também lutar pelos seus direitos, sua cultura numa sociedade marcada pelas desigualdades perpassada pela exclusão social. Wachholz (2016) faz menção a reflexão de Munanga (1988) sobre esta exclusão que marca a população negra historicamente:

[...] a identidade do mundo negro se inscreve no real, sob a forma de exclusão. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política, econômica e do pleno exercício de cidadania. (MUNANGA, 1988 apud WACHHOLZ, 2016, p.147)

Ao conseguirem organizar seus documentos em registro oficial, poderiam ter mais condições de promover sua negritude por meio de diferentes eventos. Neste sentido, foram realizados pelo MNS alguns eventos como o primeiro baile realizado em 1987, na sociedade recreativa (conhecida como recreio do trabalhador), com um concurso chamado: ‘A mais bela negra’ este concurso, tinha a finalidade de inserir a negra e o negro na sociedade: “a gente fez um baile, que eram um baile da mais bela negra, tivemos dois da bela negra, e um do belo mais negro. [...] Depois esses bailes nós queríamos mostrar que a negra era bonita também.”<sup>33</sup> Nesta perspectiva, Nilton conta que utilizavam esses eventos como estratégias para poderem ser inseridos na sociedade, ele relata ainda, que era preciso ir mais além do que ter simplesmente um espaço físico: “nós queríamos mostrar que nós tínhamos capacidade de fazer uma

---

<sup>33</sup> Jose Carlos de SOUSA. Entrevista. Op. Cit.

coisa de sucesso.”<sup>34</sup> Portanto, esses eventos, foram realizados com intuito de afirmar sua negritude.

Ademais, atenta-se também para o relato de João Batista nestes aspectos ligados a cor de pele, onde o (a) negro (a) não se vem contemplados: “Na verdade assim, o negro é muito subordinado a questões brancas, as empresas, a mão de obra, o negro tem, a mão de obra. Mas o poder, tá na mão do branco. Então ele fica muito subordinado ao branco. Então na época era bem mais...”<sup>35</sup> analisando estas colocações, podemos dizer que:

Historicamente, não há como ignorar as relações assimétricas de poder travadas entre as diferentes matrizes culturais e raciais. Nossa sociedade possui uma imensa diversidade étnica e cultural, no entanto, vivenciamos um sistema excludente, que desconsidera as identidades diferenciadas, às práticas sociais, políticas e culturais de diferentes grupos étnico-raciais, alimentando, conseqüentemente, as desigualdades sociais. (SILVA, 2008, p.1).

Outra importante abordagem dos entrevistados é a questão política. Foi por meio da política que o MNS percebeu uma alternativa para ser difundido seus ideais:

Passou o tempo, fomos encontrando mais dificuldade, então através da política quem sabe a gente consegue... então foi feito um censo demográfico, pra fazer um levantamento. Com essa pesquisa na mão, fomos à luta agora, primeiro a gente foi conscientizar, pra gente ter um vereador aqui dentro. [...] Como que meu filho vai dizer? (se refere ao negro dentro do poder público) [...] O titã (entrevistado João batista) foi nosso segundo candidato. E na época o negro politicamente não tinha essa visão política, não tinham nada, sabiam que tinham que eleger um prefeito um vereador, mas não se importavam muito, porque eles achavam que nunca iam conseguir! [...] Talvez não tivemos aquele êxito que queríamos. Mas foi através do nosso movimento.<sup>36</sup>

Entre a década de 1987, um censo foi realizado pelos integrantes do MNS entre eles Jose Carlos, Nilton, Joao Batista e também Débora Martins. Esses dados não constam em registros, pois muitos documentos se perderem segundo as falas dos entrevistados. Debora relembra que, “íamos de casa em casa com umas perguntas [...]”<sup>37</sup> A partir deste censo eles queriam saber em números quantos negros haviam em Siderópolis. Para então, ter conhecimento desses negros e negras para convidá-los a participar do movimento, até então, Nilton ressalta que “muitos negros

<sup>34</sup> Nilton Marcial Alves. Entrevista. Op. Cit.

<sup>35</sup> Joao Batista da Silva. Entrevista. Op. Cit.

<sup>36</sup> Jose Carlos de Sousa. Entrevista. Op. Cit.

<sup>37</sup> Debora Martins. Entrevista. Op Cit.

não se afirmavam como negros, mas utilizavam termos como: serrano, moreno, etc.”<sup>38</sup> Além do mais, saber a partir deles quais os principais pontos a serem buscados para melhoria da qualidade de vida da população negra do município, sendo assim, este censo trouxe resultados, na época constatou-se 700 negros ou seja 10% da população geral, no entanto somente pelas narrativas é que tivemos conhecimento deste censo, já em as outras fontes não tivemos conhecimento.

O 5 de junho aparece como um outro passo importantíssimo na trajetória do MNS, pois, é por meio dele que surgiram os primeiros registros oficiais do MNS, e que, portanto, temos disponível alguns deles até os dias atuais para análise e compreensão dessa trajetória. O 5 de junho corrobora com todas as bandeiras de luta que o MNS levanta, mesmo que de início o foco era em um local físico para se autopromoverem na sociedade. Desde então, o 5 de junho entra com muita força na autoafirmação dos negros e negras de Siderópolis.

### **2.2.3 Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa**

O “Cruz e Sousa é formado com alguns integrantes do 5 de junho, entre estes o nome Luiz Fernando Cardoso Sabino que era o presidente na época, Sandra Martins, Eliana dos santos e Débora Martins também fizeram parte desta criação, e permanecem até os dias atuais com o Cruz e Sousa, exceto o Luiz Fernando que por motivos de trabalho teve que mudar de cidade, pois para estar na presidência era/é preciso morar em Siderópolis. Sendo assim, o 5 de junho permanece inativo após a fundação do Cruz e Sousa, que também caminha para as mesmas direções, nas lutas dos negros e negras.

No entanto, não encontramos nos documentos disponibilizados para análise, o registro desta alteração. Neste sentido apelamos para a fonte oral, em que Sandra diz ter voltado no “finalzinho do 5 de junho” então, logo passa para o Cruz e Sousa, lembra sobre a escolha do nome e aponta que foi feita por um professor de história:

O professor Paulinho, que é aqui do Fiorita, professor de História, marido da Adiles a coordenadora pedagógica aqui do município... [...] e ele estava junto no movimento, numa reunião, do evento, foi ele que deu a ideia. [...] Nós temos a coleção do Cruz e Sousa. Ele (professor) contou a história pra gente [...] nós temos contato com o NEAB de Florianópolis, a universidade de lá,

---

<sup>38</sup> Nilton Alves. Entrevista. Ibidem.

tem o professor Paulinho, então eles mandam o material, pra gente... tem alguma coisa guardada ali... e a gente tá ai, nesses longos desses 30 anos com o movimento, e ele vem trabalhando no município.<sup>39</sup>

Neste sentido Débora, a atual presidente do Cruz e Sousa, colabora com a fala de Sandra, reafirmando sobre a escolha do nome:

É, foi ele que deu a ideia de nós colocar o nome de alguém aqui do Brasil, uma referência, ali ele deu a ideia: porque não Cruz Sousa? [...]<sup>40</sup>

É importante salientar que desde os primeiros encontros do Movimento Negro em Siderópolis, independente de alterações, teve como principal objetivo a luta por questões que envolviam a população negra e sua negritude. Portanto, como já mencionado as falas dos entrevistados nos permitiram constatar que o movimento em sua trajetória lutou pelas pautas levantadas por seus participantes. Neste sentido apontamos as principais, que é por meio de alguns eventos, como: ações sociais, a marcha das mulheres negras, feijoada, bazar das pretas, palestras de conscientização e etc., dessa maneira, essas mulheres conseguem se organizar e promover suas pautas buscando atingir seus objetivos.

Apontam para a igualdade. Entretanto, existem duas pautas de lutas que consideram mais relevantes, que são a lei 10639/03 que visa a temática afro dentro das salas de aulas. E a construção de um local físico, já foram contemplados com o terreno, mas ainda falta a maior parte de materiais e mão de obra. Salientam que para realizar os eventos sempre encontram dificuldades. Além disso, este local tem por finalidade promover várias ações, entre elas, cursos, teatro, dança e outros eventos a fim de dar visibilidade aos negros e negras, integrando toda a população de Siderópolis, neste sentido Eliana diz que, “a dificuldade é não ter o local físico. Tem o terreno, mas não tem o local físico.”<sup>41</sup> Ainda neste momento Sandra lembra que quando não é na casa da presidente Débora, é na sua casa, “e assim por diante”<sup>42</sup>. Além disso Eliana conta que “Quando é maior se pega um centro comunitário da comunidade, ou central é assim que fica.”

---

<sup>39</sup> Sandra Martins. Entrevista. Op. Cit.

<sup>40</sup> Débora Martins. Entrevista Op. Cit.

<sup>41</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>42</sup> Sandra Martins, Entrevista. Op. Cit.

Assim, O Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis - SC., foi formado na década 2001 a fim de favorecer uma grande parcela da população negra da cidade de Siderópolis, que não se via favorecida no seio da sociedade como fortalecer toda esta trajetória de luta, resistência vivida pelo MNS de forma organizada. Eliana aponta que a organização era sempre uma iniciativa das mulheres e que os homens ouviam muito suas opiniões, “dentro do nosso Movimento Negro nunca houve uma barreira porque nós éramos mulheres e até eles ouviam muito a gente, sempre teve bastante apoio desde o começo.”<sup>43</sup>

É importante ressaltar que O Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa começa a ser percebido de forma diferente, tanto pela sociedade, quanto pelos próprios líderes e integrantes do MNS Nesse sentido:

Sua criação foi importante dentro nosso município, pois passamos a combater o racismo velado. Muitas pessoas pretas que até então não tinha uma compreensão maior a respeito, aos poucos foram obtendo esse conhecimento e se unindo a nós em defesa dessa causa tão desumana. Hoje com tantos movimentos a em luta, que estamos tendo um pouco mais de visibilidade. Muitos daqueles que se declaram como racistas, por medo de represália, tem muito cuidado com certas atitudes nas quais possam se incriminar. Sei que a mudança foi pouca no cenário nacional, mas ela aconteceu. Sabemos que é uma luta para muitos anos. Quem sabe um dia, sei lá, seremos vistos, não só como negros, mas sim como seres humanos.<sup>44</sup>

Ao verificarmos o acervo documental do Movimento Cruz e Sousa, também nos deparamos com alterações em seu estatuto, ou seja, podemos olhar desde o início com o primeiro estatuto do 5 de junho e a formação deste novo grupo, isto é, o Cruz e Sousa, onde a partir dele vieram outras visões diferenciadas, mas ambas em prol da causa negra. Em sua fala Sandra Martins nos informa que o estatuto é registrado e que pode ser alterado, que sempre foi tudo “certinho”. Realmente notamos que o Movimento Negro de Siderópolis, desde o seu primórdio, teve a preocupação com as documentações registradas, também se verificou nas alterações do estatuto a relevância que estes depositam para com as suas lutas.

O primeiro estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa trazia em suas definições os termos: Tradição e Cultura de Siderópolis do Estado de Santa Catarina. Já na alteração seguinte, observou-se que esses termos foram reformulados. Destacando o nome de Crus e Sousa, escritor e defensor da causa dos

---

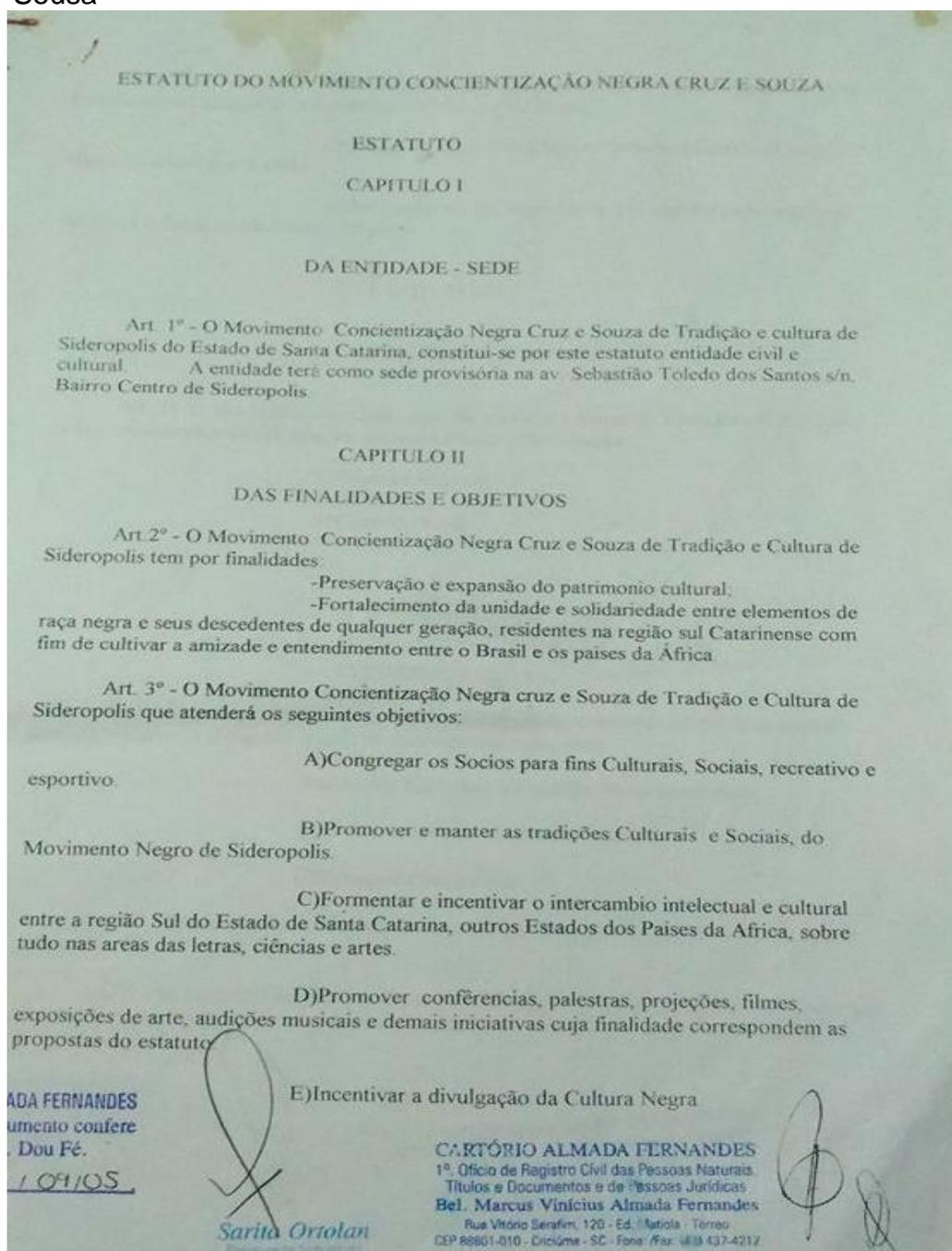
<sup>43</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>44</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

negros (as) tornando-se um referencial para os militantes do Movimento Negro de Siderópolis, com os quais objetivaram a luta pela igualdade, preconceito e racismo, bem como, a discriminação racial presente na sociedade de Siderópolis. Portanto, é de tal relevância esta nova fase que se insere no MNS, pois agora caminham a fim de resistir e adquirir mais conhecimento pelos seus direitos na sociedade.

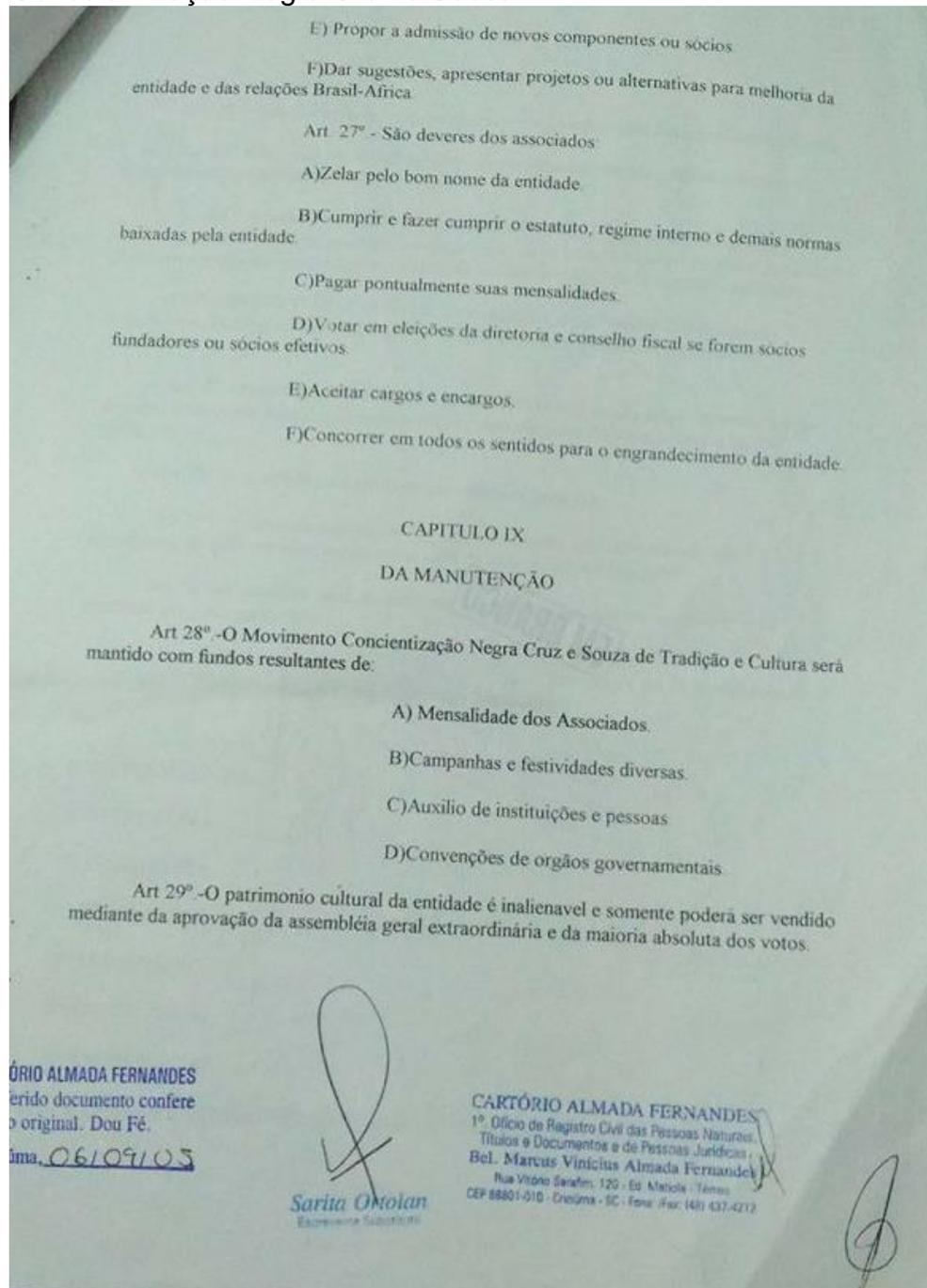
Desta forma, podemos analisar a alteração nas fontes abaixo como:

Figura 6 - Primeiro estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa



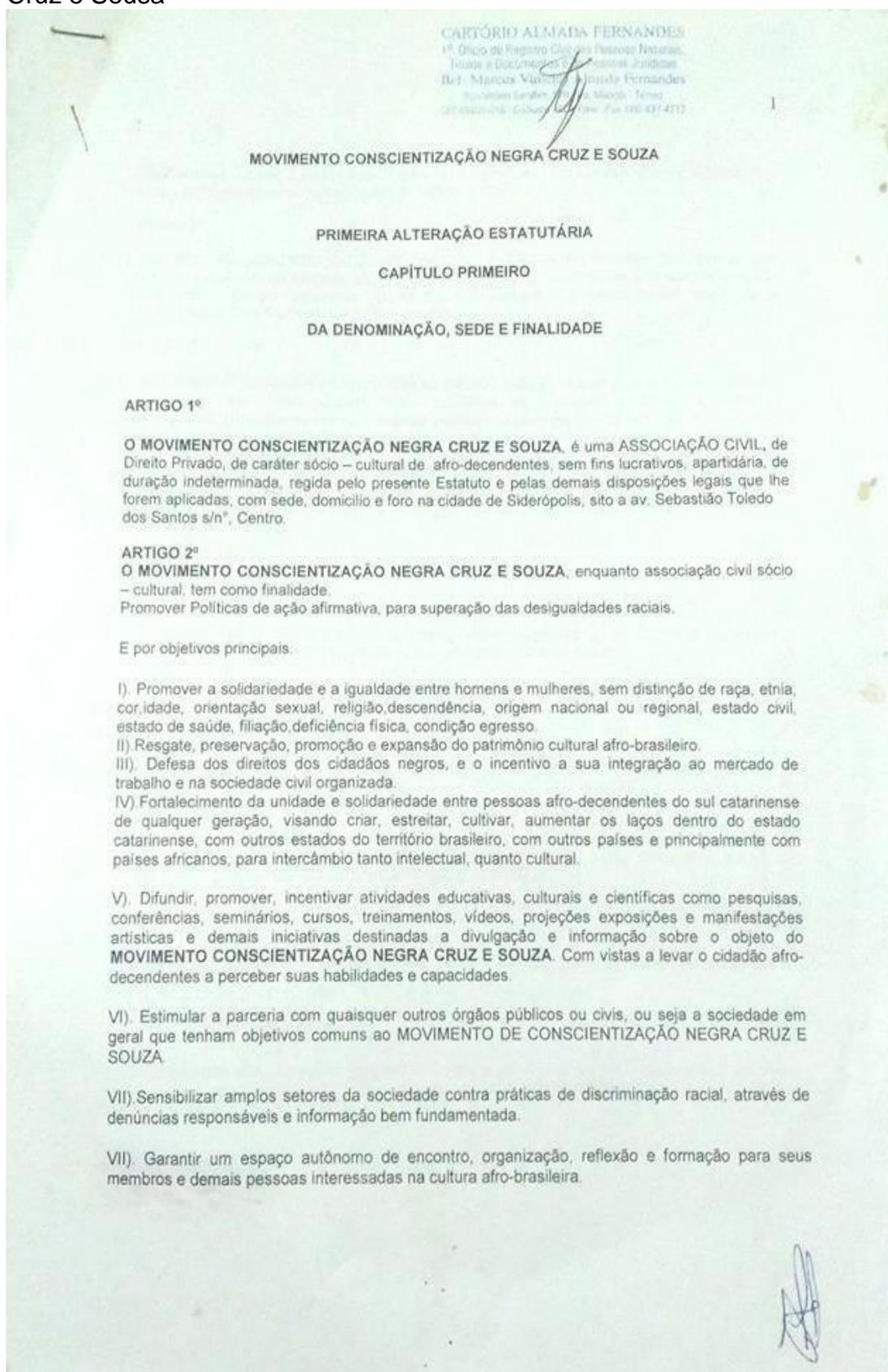
Fonte: Acervo particular do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa (2016).

Figura 7 - Continuação ilustração 6 - Primeiro estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa



Fonte: Acervo particular do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa (2016).

Figura 8 - Primeira alteração do estatuto do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa



Fonte: Acervo particular do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa (2016).

Hoje na presidência do Movimento Negro de Siderópolis temos a figura feminina, Débora Martins, dizer que antes dela quem presidia era Sandra Martins a primeira mulher presidente do movimento após a saída do Luiz Fernando Cardoso Sabino. Atualmente o “Cruz e Sousa” de Siderópolis SC, tem por objetivo principal a lei 10639/03, o local físico, e mais do que isso, lutam pela igualdade e inserção dos negros e negras na sociedade, visibilizando a questão feminina em seus argumentos. Eliana diz que: “A questão da lei 10639/03 é complicada, nós estamos sempre na secretaria articulando, mas o argumento é que o município não tem verba para aplicar este ensino dentro do município, sendo uma lei federal e que Siderópolis ainda não tem”<sup>45</sup> neste sentido, observa-se que a pauta do MNS sobre a lei 10639/03 é relevante para que se chegue aos seus objetivos e também da inserção da cultura negra dentro das salas de aula. Isto porque a implementação da Lei se coloca como uma ferramenta na construção de sua sociedade mais justa e igualitária e um instrumento de luta antirracista.

---

<sup>45</sup> Eliana dos santos. Entrevista. op. Cit.

### 3 A PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS ASSUMINDO A LIDERANÇA DO MOVIMENTO CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA DE SIDERÓPOLIS - SC. 2008 A 2016

#### 3.1 O FEMINISMO NEGRO: ALGUNS APONTAMENTOS

Falar de tudo que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que a metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades, no decorrer dos tempos. É acreditar que essa condição, perpetuada em dimensão universal, deva ser transformada radicalmente. É solidarizar-se com todas as mulheres que desafiaram os poderes solidamente organizados, assumindo as duras consequências que esta atitude acarretou em cada época. (TELES, 1993, p.181).

Historicamente as mulheres têm sido vítimas de preconceitos e discriminações, definidos por uma sociedade moldada pelos padrões de elites dominantes e patriarcais.<sup>46</sup> Tendo por base o sujeito “mulher” na sociedade, e os lugares que ela ocupa, suas lutas por visibilidade, igualdade e melhores condições de vida na sociedade, quando nos referirmos a “mulher”, de qual mulher estamos falando? Será que existem distinções de classe e cor para com as mulheres na sociedade? Quando há opressão, existe diferença entre uma mulher e outra dependendo das condições sociais?

Dessa forma Bairros (1995, p.462), aponta para uma crítica ao uso do conceito mulher, destacando o feminismo radical e seus três conceitos básicos utilizados para entendermos de onde surge o feminismo negro, são estes: mulher, experiência e política pessoal. Sendo assim:

A discussão sobre as categorias mulher experiência e política pessoal delineado nas seções anteriores já havia sido antecipada por escritoras negras cuja perspectiva feminista prescinde de uma identidade comum para todas as mulheres. [...] Bell hooks destacada feminista afro americana corretamente afirma que o que as mulheres compartilham não é a mesma opressão, mas a luta para acabar com o sexíssimo ou seja, pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero socialmente construídas. Para nos negros é necessário enfrentar esta questão não apenas porque a dominação patriarcal conforma relações de poder nas esferas pessoal interpessoal e mesmo íntimas, mas também porque o patriarcado repousa em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo a crença na dominação construído com base em noções de inferioridade e

---

<sup>46</sup> GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1988. 95p.

superioridades. Nesse sentido a frase o pessoal e político para hooks não significa como muitos ainda a interpretam a primazia de uma dimensão sobre a outra, mas a compreensão de que o pessoal pode constituir-se em ponto de partida para a conexão entre politização e transformação da consciência. Logo não se trata de uma simples descrição da experiência de opressão de mulheres por homens, mas do entendimento crítico sobre o terreno de onde essa realidade emerge.<sup>47</sup>

Para analisar as mulheres com suas diferentes experiências, não podemos nos prender em um só discurso ou modelo. Isto é, se propõem uma análise a partir da intersecção lidando com classe, gênero e raça, quando olhamos as diferentes mulheres que sofrem a opressão. Pois não há uma essência feminina, isto são construções históricas e sociais. A proposta é pensar as diferentes opressões das mulheres de forma interseccionada. Neste sentido, as experiências vivenciadas por mulheres negras ou indígenas por exemplo são interseccionadas pela classe, raça e gênero. “O nome de maior força, raça, gênero e classe são consubstanciadas no tipo de exclusão que atinge as mulheres negras - são elas que estão no centro da construção de uma crítica que se transformou num campo que entrecruza academia e política.” (CRENSHAW, 1989 apud MOUTINHO, 2014, p.205). (Grifo nosso).

Sendo assim, não podemos nos basear em um único discurso e forma de opressão sobre as mulheres pois essas questões se constituem a partir da análise do movimento feminista negro de forma interseccionada, isto é, ultrapassam as barreiras de classe social, quando se juntam as questões de gênero e raça. Pois compreendemos que:

Sobre a discriminação ora baseada na raça, ora no gênero (sex): “mulheres negras experimentam às vezes a discriminação de modo similar ao experimentado pelas mulheres brancas; às vezes, elas “partilham experiências similares às dos homens negros”; às vezes, “a experiência da dupla discriminação é vivida com base no gênero (sex) e na raça” e, por fim, destaca que em alguns momentos elas experimentam a discriminação como “mulheres negras”: “não a soma de discriminação por raça e sexo, mas como mulheres negras.” (CRENSHAW, 1989 apud MOUTINHO, 2014, p.207). (Grifo nosso).

No Brasil, como citamos anteriormente:

Luiza Bairros, ancorada em sua experiência norte-americana, argumenta em favor de um ponto de vista feminista (*feministst and point*):

---

<sup>47</sup> BAIRROS, Luiza. Revista estudos feministas: **Nossos Feminismos Revisitados** (PDF). v.3, n.2 (1995). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>>. Acesso em: 19 out. 2016. p.462.

Segundo essa teoria, a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça gênero e classe social se interceptam em diferentes pontos. Assim, uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista. [...] Mais especificamente, nossa posição pode ser melhor compreendida através do lugar ocupado pelas empregadas domésticas. Um trabalho que permitiu a mulher negra ver a elite branca a partir de uma perspectiva que nem os homens negros e nem mesmo os próprios brancos tiveram acesso (BAIRROS, 1995 apud MOUTINHO, 2014, p.211).

Neste sentido, é relevante mencionar aqui o diálogo de Bairros, uma mulher negra e feminista, que militou na causa das mulheres em relação a estes aspectos mencionados. Ela ainda dialoga com Collins em seu texto a respeito do pensamento feminista negro, “seria então um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu da comunidade e da sociedade ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem.” (MOUTINHO, 2014, p.211).

Este capítulo será construído a partir das narrativas de Débora Martins, Eliana dos Santos (já apresentada na primeira parte desta pesquisa), Sandra Martins e Susana Mota, que fazem parte da linha de frente do Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa. Portanto é importante escutar estas vozes, a fim de contribuir com a sociedade em que estão inseridas, além do mais para contribuir também com uma abordagem histórica.

### 3.2 A INSERÇÃO DAS MULHERES NA LIDERANÇA

Para entendermos como se deu a inserção destas mulheres na militância do MNS, trazemos a fala de Eliana, que nos permite uma observação sobre as questões de gênero (Masculino/feminino), quando coloca que na atual sociedade a mulher tem como se posicionar mais facilmente frente a alguns obstáculos que no passado encontravam. Débora<sup>48</sup> traz a memória uma fala pertinente: “É que antigamente a gente tinha o pensamento machista né.” Entretanto, este pensamento foi sendo transformado, conforme Eliana:

No início de tudo até pela nossa própria educação da gente, não que eles não dessem espaço, os rapazes, os guris né, porque eram tudo uma gurizada...

---

<sup>48</sup> Debora Martins. Entrevista. Op. Cit.

Mas nós nos sentíamos melhor com eles na presidência, eles como homens, porque a gente tinha sido educada pra isso. [...] Porque queira ou não queira, a nossa presença sempre foi muito forte dentro do movimento, porque se não fosse nós as coisas não saiam. Até porque a gente era mulher! Valente! Mulher de atitude! Estava ali. Bom, quando tu começa a militar tu já sabe sabe com quem tu vai militar né?! [...] Dentro do nosso Movimento Negro nunca houve uma barreira porque nós éramos mulheres, e até eles ouviam muito a gente, sempre teve bastante apoio desde o começo. [...] Hoje ser liderança dentro de um movimento é bem nas fácil e aceitável. Anteriormente à dependência econômica da mulher, perante ao homem dificultava e muito. Ex: Por que não uma mulher à frente do processo se ela já dirige um carro. Sendo assim tem bem, mais facilidade de se locomover e se comunicar. E também já é vista de uma outra forma, em "lugares" fotos do sexo masculino. A própria mídia facilitou muito isso.<sup>49</sup>

Eliana relata que “se não fosse as mulheres as coisas não saiam”, nota-se que desde o início sempre tiveram voz ativa dentro do MNS. No entanto, em certo período (1980) não era tão aberto as questões que envolviam as mulheres em lideranças, bem como, os movimentos sociais não eram vistos por mulheres na chefia. Até pelo que conta Eliana, “fomos ensinadas assim”, isto é a sociedade ensinou/ensina como tem que ser as coisas, mas na prática as mulheres vão se empoderando.

### **3.2.1 A mulher negra na liderança**

Cabe ressaltar que a partir da entrada de Sandra em 2007, o Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa, permanece sendo presidido somente por mulheres. Visto que as mulheres se tornam referências dentro do MNS. Com a saída de Sandra para tomar conta do cargo de Coordenadora de Patrimônio do MNS, entra em seu lugar por meio de eleição, Débora Martins que vem presidindo até os dias atuais, e diz que:

A gente tá tentando colocar a mulher negra com visibilidade, nesses campos onde a sociedade até exclui, a parte em si, branca ou negra ela é excluída, já a questão da discriminação racial, que é muito forte, por isso que a gente faz esses trabalhos, por isso que a gente traz a questão da mulher negra. Porque além de ser negra, ainda é excluída por parte da sociedade. Então a bandeira do movimento seria, colocar a mulher visível na sociedade.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>50</sup> Debora Martins. Entrevista. Op. Cit.

### 3.2.2 A marcha das mulheres negras

A marcha das mulheres negras tem sido uma referência para pautar as lutas das mulheres negras. Pois é com a marcha que essas mulheres ascendem na sociedade, é por meio da marcha que as mulheres negras têm sido ouvidas. A marcha das mulheres negras é uma forma de afirmação e resistência. De dizer que essas mulheres existem na sociedade e resistem aos obstáculos gerados por uma sociedade machista e preconceituosa, ainda mais, é uma oportunidade de inseri-las no contexto social, dizendo que não aceitam as várias formas de opressão experimentadas pelas mulheres negras. Neste sentido, a marcha das mulheres negras objetiva:

O que a Marcha das Mulheres Negras propõe é grandioso: reunir mulheres negras, respeitando suas especificidades e diversidade em torno de uma pauta comum. Despidas de nossas correntes ideológicas; superando as diferenças geracionais, religiosas, partidárias, o que sobra? Sobra o que somos essencialmente. Antes de tudo: mulheres negras. A Marcha das Mulheres Negras propõe um retorno à unicidade da luta negra. Na realidade, ela só cumpre verdadeiramente seu papel quando sua construção consegue superar a segmentação por vertentes, entidades e grupos tão comuns no movimento social (negro, de mulheres, etc.) que muitas vezes nos enfraquece. [...] Somos jovens, quilombolas, cotistas, feministas, cristãs, lésbicas, militantes partidárias, mulheres trans, anarquistas, bissexuais, idosas, representantes de povos tradicionais de matriz africana, trabalhadoras domésticas, sem-terra, periféricas, imigrantes e refugiadas, rurais, mães, autônomas... A marcha criou a partir de sua mobilização, oportunidade de diálogo real entre mulheres negras, com o fortalecimento mútuo das pautas. Ou seja, permite uma construção a partir do que nos une, não o que nos separa.[...] Ao localizar historicamente o que significa ter uma marcha nacional de mulheres negras na trajetória percorrida pelas nossas ancestrais, pelas nossas mães e avós em solo brasileiro, encontramos outro ponto que dá sentido à marcha que está inserida neste contexto histórico de resistência feminina negra que rememora Aquilone, Acotirene, Luisa Mahin, Dandara, Maria Firmino dos Reis, Carolina de Jesus, Maria Brandão dos Reis, Antonieta de Barros, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, Laudelina Campos, Theresa Santos, e tantas outras que aqui chegaram e nasceram. Dar visibilidade a essa luta histórica é fundamental para munir as novas gerações de ferramentas para o combate ao privilégio branco que estrutura a sociedade racista que vivemos. [...] A marcha é reivindicatória de nossos direitos e começamos pelo primordial: queremos viver. [...] Ao incorporar todas essas pautas, o evento da marcha coloca em evidência o racismo e sexismo vivido cotidianamente por mulheres negras e demonstra que estamos nos fortalecendo politicamente. Exigimos publicamente dos governos municipais, estaduais e federal reparação às mulheres negras em defesa de uma sociedade justa e igualitária. Onde as diferenças não se tornem fatores de desigualdade [...]. (GONÇALVES, 2015, s/p.)

Ainda neste viés a autora desta citação finaliza com um poema para afirmar a luta das mulheres negras:

“Somos humildes sim, entre os nossos irmãos e irmãs  
 A eles ubuntu, nosso àse.  
 Mas no hostil do mundo  
 Erguemos nosso nariz de negra  
 Coluna ereta, cabeça coroada  
 Porque eles fingem ignorar que viemos de uma linhagem de rainhas  
 Somos um povo sobrevivente  
 Nossoori brilha e nos protege das hienas  
 As mulheres negras estão em marcha, anunciamos  
 Quando uma sobe, leva a outra  
 Somos terra sagrada e fértil  
 Somos fortes por falta de escolha  
 Estamos em marcha  
 Estamos só começando...” (GONÇALVES, 2015, s/p.)

Sandra Martins<sup>51</sup>, conta como se deu a inserção da marcha dentro do município. “essa marcha ela foi construída fazia 4 anos atrás, já tinham datas e foram levando, foram levando, até que ela saiu em 2011, e dali ela foi sendo construída”. Eliana ainda colabora dizendo que, “ela (a Marcha) começou com a cantora, Leci Brandão”. Sandra ainda rememora:

Depois que veio a Marcha das mulheres negras para cá, mudou... eu estava no mercado e até então eu não sabia nada sobre a marcha, aí chegou a Nani, ô Sandra, é assim: eu fui numa reunião da marcha das mulheres negras, daí ela disse assim para mim: marca uma reunião pra gente conversar, vamos fazer um evento... ai eu disse, tá eu vou passar pra Débora.  
 Mas eu saio do mercado, e vou para casa, e já entro em contato com o pessoal do NEAB, e tenho uma sobrinha que estava fazendo história lá, aí eu perguntei: se “vocês” tinham uma data (fala do NEAB:) Tenho uma data pra vocês (fala de Sandra) Aí que bom [...] e dali começou tudo. [...] Quando a marcha das mulheres negras vem para Siderópolis é que se fortalece ainda mais a questão feminina. Que se tem mais visibilidade.

Sandra ainda aponta sobre as mulheres que lideram a Marcha das Mulheres Negras em Siderópolis. “A Dani é coordenadora da Marcha das mulheres negras do município, a Débora também é, eu sou coordenadora, e a Zaira, somos nós 4 coordenadoras aqui no município de Siderópolis. E cada município tem as suas coordenadoras.” Diz ainda, a respeito das questões financeiras: “A marcha não tem

---

<sup>51</sup> Coordenadora do Patrimônio do Movimento Conscientização negra cruz e Sousa - SC.

sustento, quem banca a marcha dentro do município de Siderópolis é o Movimento Negro. É uma parceria muito boa.”<sup>52</sup>

De Siderópolis conforme nos apontam as entrevistadas, foram 12 ou 13 mulheres, ainda assim, juntaram-se com as mulheres negras da cidade de Criciúma, então passaram um pouco mais de 30 mulheres. Elas consideram um número significativo para iniciar a militância por meio da Marcha das Mulheres Negras. Pois, anteriormente as mulheres tinham receio de enfrentar a causa. Por questões de preconceito e discriminação racial.

Na imagem a seguir, as entrevistadas encontram-se no centro da fotografia. Da esquerda para direita, a partir da segunda mulher: Débora Martins, Sandra Martins e Eliana dos Santos.

Figura 9 - Marcha das mulheres negras I



Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

Essa outra imagem abaixo, mostra algumas participantes da Marcha das Mulheres Negras de Siderópolis, sendo que da esquerda para a direita a segunda mulher de turbante azul, chamada Dona Jandira. Esta mulher segundo nos relataram as entrevistadas, sempre esteve presente desde os primórdios do MNS, ela abraçou a causa negra e nunca desistiu. Dona Jandira, tem papel relevante de MNS, sendo que ela é uma das apoiadoras atualmente e vem trabalhando junto com o MNS. Ela que foi a primeira mulher negra a se candidatar para vereadora em Siderópolis pelo MNS assim que começou os primeiros passos na década de 80. Mesmo assim, passou o tempo e dona Jandira não hesitou em se candidatar novamente, este ano

<sup>52</sup> Sandra Martins. Entrevista. Op. Cit.

(2016) foi para as ruas fazer sua campanha política, sempre visando a causa negra em seus argumentos políticos.

Figura 10 - Marcha das mulheres negras II



Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

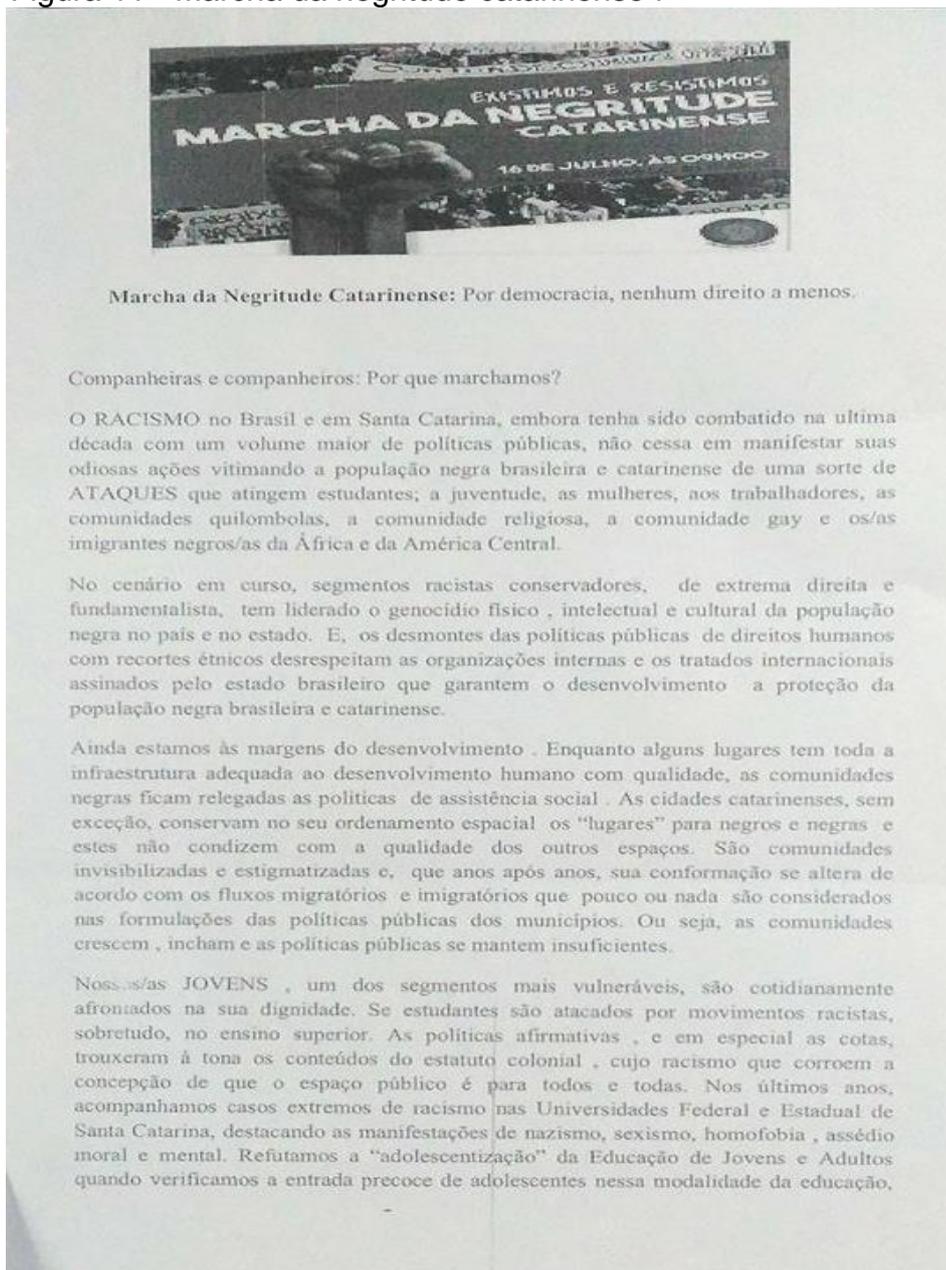
Neste sentido é oportuno citar sobre as vestimentas, que em 2015 fica evidente os usos de turbantes como forma de identidade negra e a camisa de afirmação dentro deste evento, além disso, a faixa com dizeres específicos da causa feminina. Dizer da relevância que essas mulheres negras têm na militância, sendo que hoje contam com 25 mulheres para promoverem seus manifestos e atos em favor da visibilidade negra. Apontam que, que quando são promovidos eventos maiores este número se multiplica. Consideram ainda que:

Mesmo diante de um quadro de mobilidade social pela via do consumo, percebido nos últimos anos, as estruturas de desigualdade de raça e de gênero mantêm-se por meio da concentração de poder racial, patriarcal e sexista, alijando a nós, mulheres negras, das possibilidades de desenvolvimento e disputa de espaços como deveria ser a máxima de uma sociedade justa, democrática e solidária. Não aceitamos ser vistas como objeto de consumo e cobaias das indústrias de cosméticos, moda ou farmacêutica. Queremos o fim da ditadura da estética europeia branca e o respeito à diversidade cultural e estética negra. Nossa luta é por cidadania e a garantia de nossas vidas. Estamos em Marcha para exigir o fim do racismo em todos os seus modos de incidência, a exemplo da saúde, onde a mortalidade materna entre mulheres negras estão relacionadas à dificuldade do acesso aos serviços de saúde, à baixa qualidade do atendimento recebido aliada à falta de ações e de capacitação de profissionais de saúde voltadas especificamente para os riscos a que as mulheres negras estão expostas; da segurança pública cujos operadores e operadoras decidem quem deve viver e quem deve morrer mediante a omissão do Estado e da sociedade para com as nossas vidas negras. [...] (COMITÊ, 2014, p.2).

### 3.2.3 As mulheres nos eventos

Como parte de suas táticas, participam de eventos em vários lugares, como a marcha da negritude catarinense em 2016 que politiza o movimento e amplia suas pautas, como podemos perceber no documento que segue:

Figura 11 - Marcha da negritude catarinense I



**Marcha da Negritude Catarinense: Por democracia, nenhum direito a menos.**

Companheiras e companheiros: Por que marchamos?

O RACISMO no Brasil e em Santa Catarina, embora tenha sido combatido na última década com um volume maior de políticas públicas, não cessa em manifestar suas odiosas ações vitimando a população negra brasileira e catarinense de uma sorte de ATAQUES que atingem estudantes; a juventude, as mulheres, aos trabalhadores, as comunidades quilombolas, a comunidade religiosa, a comunidade gay e os/as imigrantes negros/as da África e da América Central.

No cenário em curso, segmentos racistas conservadores, de extrema direita e fundamentalista, tem liderado o genocídio físico, intelectual e cultural da população negra no país e no estado. E, os desmontes das políticas públicas de direitos humanos com recortes étnicos desrespeitam as organizações internas e os tratados internacionais assinados pelo estado brasileiro que garantem o desenvolvimento a proteção da população negra brasileira e catarinense.

Ainda estamos às margens do desenvolvimento. Enquanto alguns lugares tem toda a infraestrutura adequada ao desenvolvimento humano com qualidade, as comunidades negras ficam relegadas as políticas de assistência social. As cidades catarinenses, sem exceção, conservam no seu ordenamento espacial os "lugares" para negros e negras e estes não condizem com a qualidade dos outros espaços. São comunidades invisibilizadas e estigmatizadas e, que anos após anos, sua conformação se altera de acordo com os fluxos migratórios e imigratórios que pouco ou nada são considerados nas formulações das políticas públicas dos municípios. Ou seja, as comunidades crescem, incham e as políticas públicas se mantem insuficientes.

Noss./as JOVENS, um dos segmentos mais vulneráveis, são cotidianamente agridados na sua dignidade. Se estudantes são atacados por movimentos racistas, sobretudo, no ensino superior. As políticas afirmativas, e em especial as cotas, trouxeram à tona os conteúdos do estatuto colonial, cujo racismo que corroem a concepção de que o espaço público é para todos e todas. Nos últimos anos, acompanhamos casos extremos de racismo nas Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina, destacando as manifestações de nazismo, sexismo, homofobia, assédio moral e mental. Refutamos a "adolescentização" da Educação de Jovens e Adultos quando verificamos a entrada precoce de adolescentes nessa modalidade da educação,

Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

Figura 12 - Marcha da negritude catarinense II

inúmeros desses acessos justificados pela incapacidade da escola compreender as desigualdades étnicas e sociais. Repudiamos ainda, o GENOCÍDIO da juventude negra. Os jovens negros (aqueles entre 15 a 29 anos) são os maiores vítimas de homicídios, é um número deles é morto pelos aparelhos de segurança do estado e dos governos. No Brasil, as diferenças de tratamento institucional são determinadas não só pela condição social. Raça/Etnia também define as formas de tratamento e, jovens negros, independente da classe social e formação acadêmica são aqueles preferencialmente abordados pelas polícias e aqueles entre os casos de vítimas de morte.

As MULHERES NEGRAS ainda permanecem na base da pirâmide, pouco visibilizadas e sendo responsáveis pelas chefias de família. Por esse motivo são, por um lado, aquelas que mais incidem nas políticas sociais, tais como o bolsa família, o bolsa gás e as políticas de moradia popular. E, por outro, são as mais atingidas no que se refere o genocídio dos seus filhos e filhas e pelo machismo nas relações cotidianas, no mercado de trabalho e na condição de lideranças políticas e religiosas. As mulheres negras não são representadas nas casas legislativas, na gestão de prefeituras e dos governo municipais e, ainda são a minoria nas executivas de sindicatos e partidos. Poucas são dirigentes escolares, embora seja crescente o número de negras no exercício do magistério da educação básica e superior. Nas políticas de saúde, são carecem de maior atenção sobretudo, sobretudo nas políticas de combate ao câncer, nos cuidados de pré-natal e na atenção ao parto.

A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA em Santa Catarina transversaliza comportamentos e políticas. É *institucional*, quando vemos, que o executivo, o judiciário e os órgãos de segurança não respeitam a diversidade religiosa, rejeitam dinâmicas, conteúdos culturais e conceituais das religiões de matriz africana. É *física* quando as violências atingem às pessoas, como é os casos das agressões sofridas por religiosos/as em diversas regiões catarinenses. É *patrimonial* quando os territórios religiosos (terreiros, barracões) não são tratados como patrimônio cultural e são covardemente atacados, a mando de forças espúrias que pregam o ódio e o extermínio da religião e de seus praticantes, como vimos em diversos municípios catarinenses.

Na EDUCAÇÃO, lutamos contra a resistência para implementação das leis municipais, estaduais e federal que tornam obrigatório o ensino de conteúdos de matriz africana e afro-brasileira nas escolas catarinenses. O investimento público na maioria dos 297 municípios é inadequado, insuficiente e irregular, na maior das vezes não havendo ações que implementem a lei. Segundo alguns estudos, o estado de Santa Catarina está entre aqueles que menos implementam as políticas educacionais voltadas para a população negra.

A garantia das POLÍTICAS AFIRMATIVAS, sobretudo as cotas no ensino superior e nos concursos públicos, revelaram o discurso do movimento racista e dos segmentos conservadores da sociedade que demonstram não tolerar a mobilidade dos negros/as e o acesso aos espaços públicos que lhes são direitos. O atual cenário, de golpe à democracia é apoiado por esses setores que pretendem a negação dos nossos direitos e

Figura 13 - Marcha da negritude catarinense III

conquistas construídas ao longo de nossa história de luta e resistência. Exigimos que toda e qualquer manifestação de racismo nas instituições educativas seja combatida e punida.

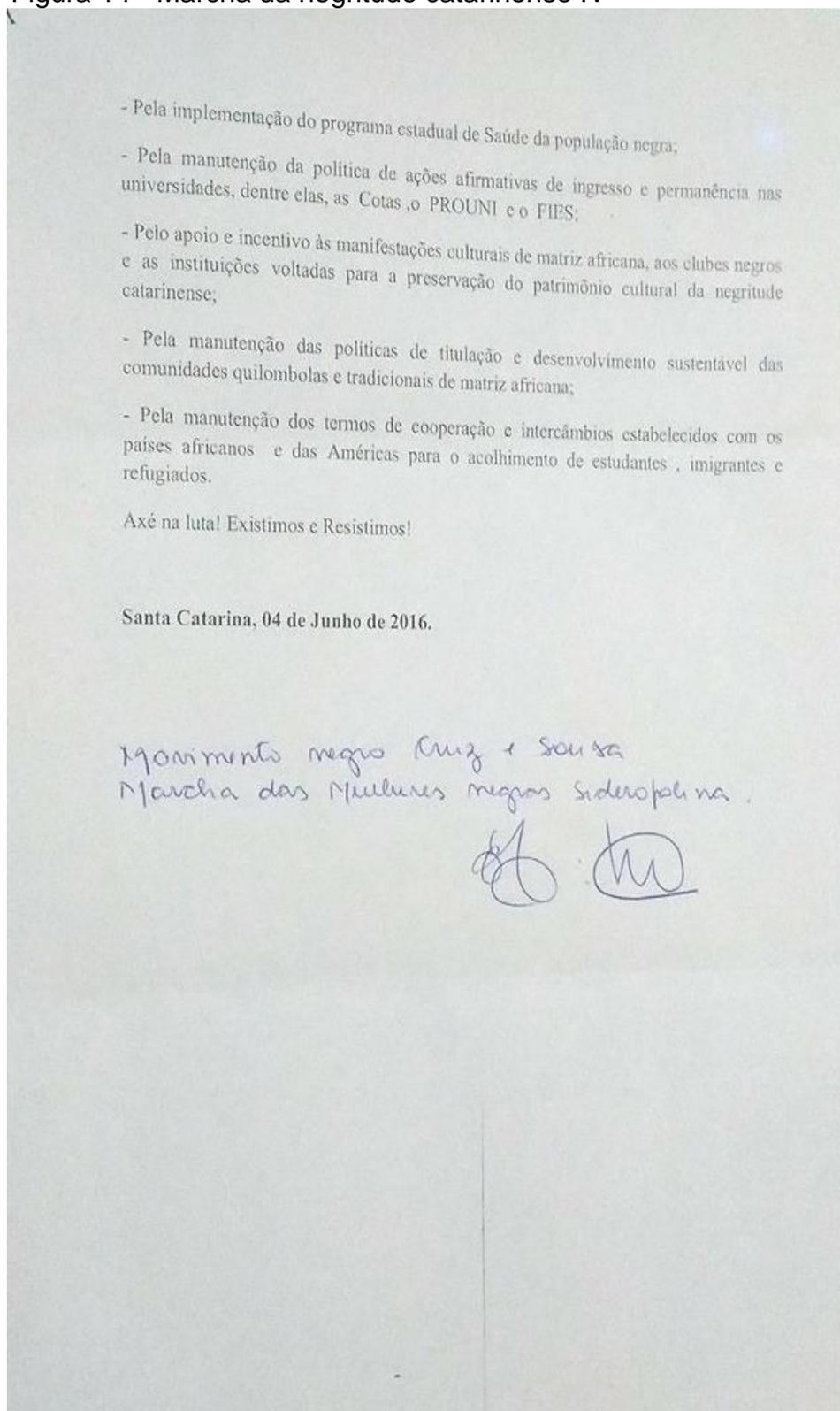
Marcharemos juntos/as. O momento político - nacional e local - impõe UNIDADE contra o racismo, contra a perda de nossos direitos e pela defesa da democracia. Manteremos nossa autonomia e independência e, sendo os /as protagonistas da luta anti-racista, não nos omitiremos ou delegaremos a outros e outras a defesa de nossos direitos. Vamos ocupar as ruas, em defesa de nosso povo, nossa cultura, nossa ancestralidade, nossas políticas e princípios de luta!

**Por que e por quem marcharemos, no dia 16 de julho de 2016, em Florianópolis. Marcharemos:**

- Pela democracia, pelo respeito à ordem democrática e contra os ataques às nossas instâncias no âmbito federal e estadual;
- Pela permanência da SEPPIR, Secadi, Fundação Palmares e outras diretorias e setores responsáveis pelas políticas de transversalidade das políticas para a população negra;
- Pela ampliação de todos os nossos direitos, sem nenhum retrocesso, e pela garantia das políticas para a promoção do desenvolvimento e dignidade da população negra;
- Pela autonomia e independência do movimento negro;
- Pelo acolhimento e encaminhamento de nossas pautas históricas e pelo fim da invisibilidade de nossa presença no estado;
- Contra o genocídio dos/as jovens negros/as e pela implementação das políticas para a juventude negra;
- Contra a criminalização dos movimentos sociais, sindicais e do/as sindicalistas negros/as;
- Pela aplicação das leis municipais e da lei federal 10.639/03 que tornam obrigatório o ensino de conteúdos de história da África, dos africanos, afro-brasileira e afro-catarinense na educação;
- Pela garantia de escolas públicas e de qualidade nas comunidades negras urbanas e rurais e pela reativação da Escola Estadual Antonieta de Barros;
- Pelo fortalecimento do CEPA; da Coordenadoria Estadual de Promoção da Igualdade Racial, dos Conselhos Municipais de Promoção da Igualdade Racial como órgãos efetivos para coordenar as políticas para a população negra do Estado de Santa Catarina e seus municípios;
- Pelo fim da violência contra a mulher negra, contra a sua invisibilidade, contra o sexismo, o feminicídio e a hipersexualização;

Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

Figura 14 - Marcha da negritude catarinense IV



Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

As pautas explícitas neste documento, revelam o que mulheres e homens negros do movimento lutam, como melhores condições de vida e a inserção no meio

social, afirmando que estão presentes em todos os campos que outrora se viam silenciados. Cada ponto deste documento traz a importância no combate ao racismo, preconceito e discriminação racial, ainda assim, na área da intolerância religiosa, na causa das mulheres, e também da educação e das políticas afirmativas etc. Desta forma, é seu foco principal continuar lutando para dar visibilidade nestas causas que observa-se a desigualdade social. Sendo assim, foi percebido que a partir da marcha, surgem outros eventos, como este acima (Marcha da Negritude Catarinense, foi após A Marcha Das Mulheres Negras) todos eles têm a finalidade de promover ações de afirmação e que viabilizem a inserção do (a) negro (a) na sociedade. Desta forma, a mulher negra se fortalece e mostra suas habilidades. Acompanhado nossas entrevistadas pelo MNS, o Cruz e Sousa, temos esta compreensão.

Quando foi agora na marcha da negritude catarinense [...] nós fizemos a minestra caipira aqui em Siderópolis, no centro social urbano, botamos umas 200 pessoas ali dentro muito legal até a minestra, vendemos ingresso, a gente pagou a condução e pagou a despesa ficou sem nada na mão. Porque assim, os eventos que a gente faz, a gente nunca ganha, sempre empata. O que aconteceu, na minestra, nós pagamos toda despesa da minestra, mas nós batemos tanta palma, ficaram tão feliz!!! Quando a gente veio de lá (da marcha da negritude), a gente já montou um grupo, (grupo formado pela rede social de comunicação *WhatZapp*) a Nani, vamos montar um grupo? Já dentro do micro já montaram, então nós temos o grupo da negritude. E nós já fizemos nosso primeiro encontro.<sup>53</sup>

Sandra ainda diz que para estes eventos acontecerem, e ter a participação da população negra, o MNS sempre foi muito insistente. Isto é:

O movimento negro é do tempo de bater na porta, e ir lá conversar com a pessoa, que não é todo mundo que tem, até os ingressos a gente vai, conversa com a família vende, negocia, as vezes tu chega lá tem 5,6 filhos vende 2,3,4 um tu doa, porque todo evento que a gente faz, a gente quer que eles vão no evento, não quer que eles fiquem em casa.<sup>54</sup>

Contudo, este trabalho que é feito pelo MNS é de grande importância, pois ainda encontra-se em casa pessoas com medo de enfrentar a sociedade, por medo dos enfrentamentos preconceituosos, e que o MNS Cruz e Sousa busca encoraja-los com suas ações e eventos.

---

<sup>53</sup> Sandra Martins. Entrevista. Op. Cit.

<sup>54</sup> Sandra Martins. Entrevista. *ibidem*.

### 3.3 PRINCIPAIS OBJETIVOS DO MOVIMENTO NEGRO

Figura 15 - Objetivos da entidade I



**Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa**  
CNPJ 05.150.312/0001-03

**OBJETIVO PRINCIPAL DA ENTIDADE:**

Combater o preconceito e a discriminação racial (racismo); resgatar e divulgar a participação dos Africanos e seus descendentes na construção da nação brasileira; debater as questões de interesse e fomentar a justa inserção social dos Afro-brasileiros; aumentar a auto-estima e otimizar a imagem do(a) cidadã(o) negro(a) junto a sociedade sul catarinense e nacional.

**FINALIDADES DA ENTIDADE:**

O Movimento defende a **INTEGRAÇÃO justa e igualitária dos Afro-descendentes na sociedade** e a valorização dos elementos culturais Africanos, responsáveis por parte da formação da identidade brasileira, bem como o respeito à diversidade, à coerência Científica e aos princípios Constitucionais;

O **MOVIMENTO CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA** de acordo com a totalidade dos grupos integrados ao Movimento de Consciência Negra do Brasil, **não prega supremacia étnica de forma alguma, abomina a violência e o segregacionismo ("apartheid social") é portanto ANTI- RACISTA.**

O grupo é formado por ativistas da causa negra (independente de "cor/raça" e gênero) e tem atuado em Siderópolis com reconhecimento público, conquistando inclusive o respeito e apoio local e dos poderes constituídos.

Como todo movimento social do gênero não temos fins lucrativos.

**BREVE HISTÓRICO DA ENTIDADE**

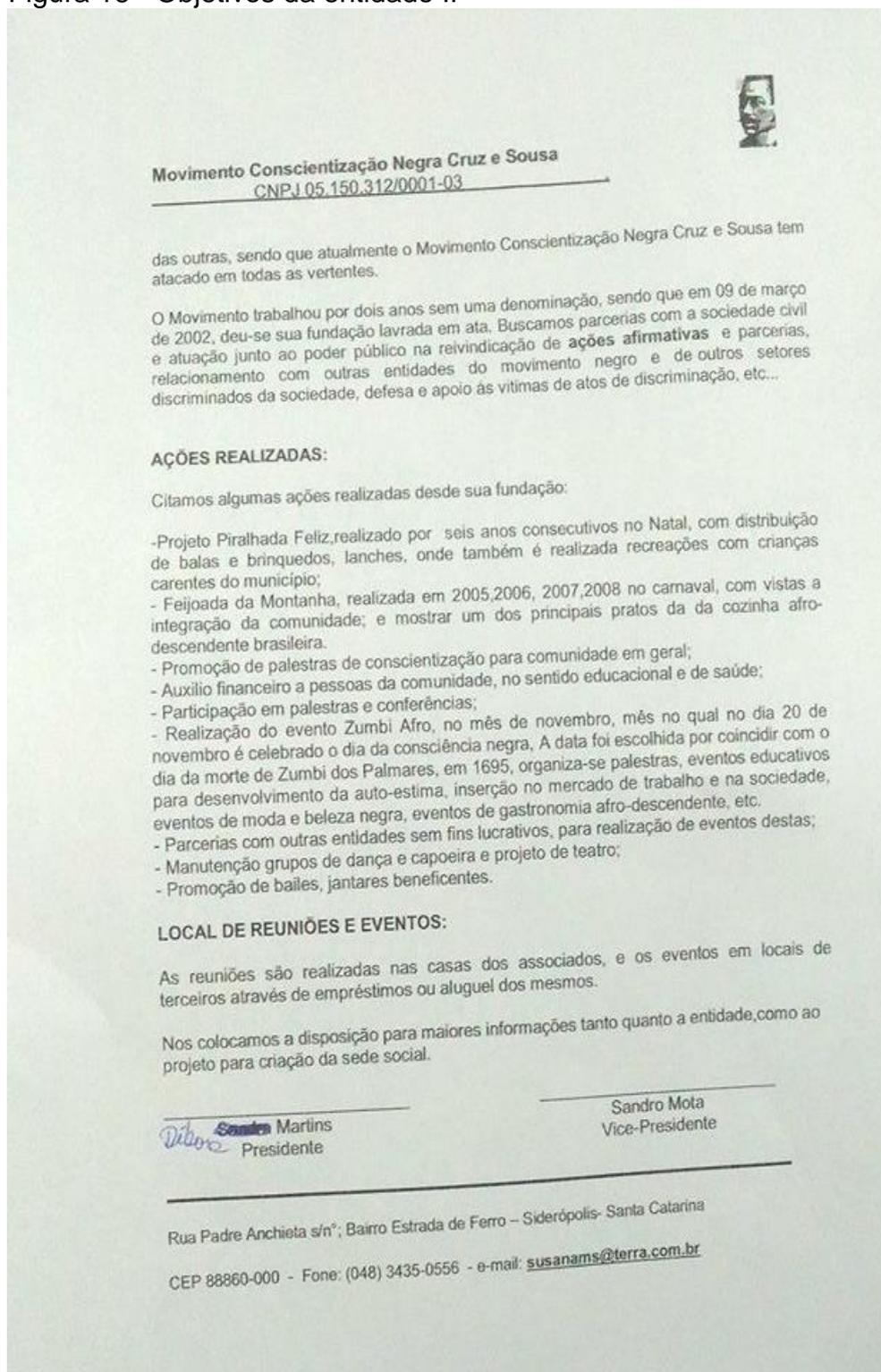
O Movimento de Conscientização Negra Cruz e Souza atuante no município de Siderópolis (Santa Catarina) é **uma evolução natural surgida dos movimentos de negritude pioneiros do município de Siderópolis**, ou seja, os Movimentos Negros "Libertação" e Negro 05 de Junho; foi fundado por membros dos movimentos citados, e novos integrantes com a intenção de dar continuidade ao trabalho dos movimentos pioneiros porém acompanhando as atualizações ideológicas e de denominação que passaram a ser empregadas neste início de século pelo amplo "Movimento Nacional de Consciência e Negritude", **genéricamente chamado de "Movimento Negro"** e que possui três vertentes: a de Conscientização e Atuação Política, a Cultural (ex. Capoeira, Folclore, Hip-Hop e outras) e a Religiosa (Cultos Afro-Brasileiros e Grupos de Negritude Cristã como a pastoral do Negro), cada vertente possui vários grupos que se integram, se complementam e apoiam os interesses não apenas da própria vertente como

---

Rua Padre Anchieta s/n°, Bairro Estrada de Ferro – Siderópolis- Santa Catarina  
CEP 88860-000 - Fone: (048) 3435-0556 - e-mail: [susanams@terra.com.br](mailto:susanams@terra.com.br)

Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

Figura 16 - Objetivos da entidade II



Fonte: Arquivo particular do MNS (2016).

Por meio deste documento podemos ter uma dimensão mais apurada dos objetivos do MNS Cruz e Sousa. Já que ele aponta alguns, como “combater o preconceito e a discriminação racial (racismo)” assim percebe-se que o Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa está desde o princípio engajado com a causa,

na luta pelo combate ao preconceito e discriminação racial. O que antes era visto apenas como afirmação da presença negra, agora juntamente com a afirmação entra as resistências que estes integrantes têm enfrentado com ousadia por meio deste movimento.

### 3.4 IDENTIDADE NEGRA

O MNS (Cruz e Sousa), trabalha enfatizando sobre identidade do (a) negro (a), pois segundo nossas entrevistadas, isto é uma questão que ainda permanece forte na população negra. Ou seja, o (a) negro (a) tem dificuldade de se auto afirmarem, não se reconhecem como negros e negras, portanto preferem ficar longe do MNS. Conforme salienta Débora, “As pessoas que não se consideram negras, não querem nem entrar. Até sabem que são negras, mas não se aceitam. Tem bastante. É difícil né.” Neste ponto, Susana nossa outra entrevistada diz que,

A questão de identidade é um pouco difícil, quando as pessoas elas são misturadas, elas têm dificuldade de aceitar. Tem bastante gente que é assim. Mas assim oh, a não aceitação não é de negros só claros, de negros mais escuros também que não se aceitam. Eu acredito que não se aceita por se achar inferior. Tem um caso desse, que o rapaz e bem escuro igual a eu, e a mãe dele bem escurinha, o pai eu não sei, mas ele não gosta de ser chamado de negro. [...] Acho que é difícil, porque também dentro da própria raça negra existe também o preconceito. Meu marido é um negro da cor um pouco mais clara, dentro da família dele existiu contra minha pessoa. A tia dele foi lá e disse pra mãe dele não deixar ele namorar comigo. Dentro da própria raça. Eles não tinham nada contra isso, mas a tia dele sim. (risos).<sup>55</sup>

A questão de identidade do negro e da negra, é debatido muito na contemporaneidade, visto que esta dificuldade tem que ser considerada relacionando-a com seu histórico de lutas e enfrentamentos no meio social. O negro foi colocado as margens da sociedade e por isso tem este obstáculo consigo mesmo. Esta imagem que a sociedade ocidental pintou ao longo de toda a trajetória dos (as) negros (as) tem resquícios impregnados até os dias atuais. Não é fácil tratar deste assunto, e muitos deles fogem as discussões, como citado por nossa entrevistada Débora.

Neste caso, salientar que esta questão de consciência é um fator imprescindível dentro do próprio lar, e quando não há esta conscientização, fica mais difícil ser tratado e o negro/negra se reconhecerem como tal. Pois a sociedade

---

<sup>55</sup> Susana Mota. Entrevista. Op. Cit.

manipula para esta ação de não aceitação. Inferiorizando e pondo os negros e negras fora do contexto social. Carneiro em sua entrevista ao CPDOC (2007) ressalta que, “uma coisa é consciência racial. Isso você traz da família, quando existe nela. E isso era uma coisa que sempre foi muito martelada dentro da minha educação.”<sup>56</sup> Por esta fala de Carneiro ao CPDOC (2007), temos a relevância que uma conscientização trazida de casa tem na vida das pessoas. Assim, por este meio, temos um passo para trabalharmos a identidade negra. Neste sentido apontamos que: “[...] a identidade negra que reuniria todos os negros e todas as negras é a identidade política. Nela se encontram negros e negras de todas as classes sociais, de todas as religiões, de todos os sexos, porque juntos todos são vítimas da discriminação e exclusão raciais.” (MUNANGA, 2012, p.13).

Desta forma, a identidade negra é outra problemática enfrentada dentro do município de Siderópolis, pois muitos negros ainda têm dificuldade de se auto afirmarem como negros e negras. Susana Mota lembra que “há uma dificuldade de os negros se aceitarem”<sup>57</sup> é algo complicado para se lidar, pois muito tem receio de admitir sua negritude, por medo do que possam enfrentar na sociedade. Débora, ainda ressalta que aqueles que não se envolvem com MNS geralmente é porque não aceitam a condição de ser negro ou negra em uma sociedade investida de preconceitos, então preferem ficar longe das atividades do Movimento. Mesmo assim, ainda é feito o trabalho de inserção destes negros e negras, quando aponta Sandra, que o “Movimento Negro de Siderópolis é do tempo de ir de porta em porta”<sup>58</sup> para chamar a população para os eventos e desta maneira para a luta do Movimento Negro.

### 3.5 PRINCIPAIS PAUTAS DO MOVIMENTO NEGRO

Este local é uma luta do MNS (Cruz e Sousa), um ponto fundamental na luta e resistência dos negros e negras de Siderópolis se ascenderem na sociedade. Visto que, com esta construção ficará mais fácil para a população negra se encontrar e promover seus eventos. Afim de lançar estratégias, táticas de inserção na sociedade. Outra luta que o MNS Cruz e Sousa vem desenvolvendo é a inserção da

---

<sup>56</sup> ALBERT, PEREIRA. 2007. p.39.

<sup>57</sup> Susana Mota. Entrevista. Op.Cit.

<sup>58</sup> Sandra Martins. Entrevista. Op. Cit.

lei 10639/03 dentro da área da educação. Esta lei é federal, e o município ainda não dispõe. A lei consta na constituição, no currículo escolar, mas não é efetivada na prática dentro da cidade de Siderópolis. Segundo Eliana, a lei 10639/03 é a principal pauta das reuniões. Ela vem em primeiro plano. Portanto suas lutas estão concentradas nestas pautas:

A nossa luta é pela Igualdade, depois a nossa luta é pelo local físico, e a nossa luta é pela 10639/03, a lei da educação dentro do município. Igualdade vai ser sempre. Mas essas duas lutas aí, são as bases agora. É a construção do espaço físico, e a lei. A lei vem antes ainda [...] O movimento teve três vezes conversando com a secretaria da educação, trouxe o coordenador ali, eles estão mandando aguardar porque eles não em dinheiro. É uma luta nossa. Está no currículo escolar, é uma lei que tu implementas se tu quer, o que eles alegam é que não tem dinheiro.<sup>59</sup>

É por meio da lei que nossas entrevistadas apontam uma educação consciente, de qualidade desde de cedo. Entretanto, este é um ponto onde cabe dizer que ainda há resistência. Ou seja, como pode o poder público não visibilizar uma lei Federal? Sendo uma sociedade que se autodenomina a favor da causa, que luta contra discriminações e preconceito, como ainda não conseguiram conquistar este direito principal dentro do município? A justificativa é a parte financeira, mas isto deveria ficar fora de cogitação, quando se trata de um assunto tão delicado, que é a Educação.

Por esta razão, as mulheres deste grupo, MNS Cruz e Sousa, se posicionaram a fim de caminhar para a conquista dessas lutas, que estão em suas pautas constantemente nas reuniões. Sempre militando em prol do (a) negro (a). Lançando desafios e estratégias diárias, para visibilizar a população negra em geral de Siderópolis - SC.

### 3.6 O MOVIMENTO NEGRO E A MULHER NEGRA HOJE

Atualmente, o Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis - SC., é liderado pelas mulheres, o masculino dentro do movimento tem papel de apoio destas mulheres.<sup>60</sup> Porém, vale lembrar que quando uma mulher toma frente, lidera e articula ela ainda é resistida pela sociedade. Eliana relata que a mulher:

<sup>59</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>60</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

“é encarada como revoltada, como rebelde, é assim [...] ela não é vista como uma mulher [...] ah, ela tá buscando os direitos dela né [...]” Ela usa como exemplo uma conversa com colegas de seu trabalho na escola:

Nós fazíamos uma conversa na escola ontem, (ontem: se referia a um dia anterior a entrevista, a sexta-feira 27/08/2016), aí o professor de ed. Física disse assim: Ah, mas ela ta assim, porque é sexta feira! (eu não gosto dessas piadas...) E aonde uma professora também estava muito cansada, por conta de stress no seu dia a dia. E ela disse: vocês sabem que lá onde eu trabalho, [...] tem um professor que veio dar aula aqui na cidade e ficou abismado com o atraso cultural da cidade., Criciúma já ta muito evolúido e içara mais ainda, as pessoas já estão mais abertas pra tudo... e Siderópolis se fecha naquilo, entendesse? E como Siderópolis ela ainda obedece ao catolicismo, a igreja ainda que comanda, e é verdade! Foi dar aula no Dom Orioni ainda! (o professor)... Porque lá (se refere a criciúma) tem colégios tipo, Michel, São Bento, Marista, mas tu tens tudo quanto é tipo de alunos, e eles respeitam. Então ele (se refere ao professor da fala anterior) achou muito atrasado culturalmente... e ela disse que o professor era inteligente... aí eu coloquei vários itens, porque que aqui é assim tão atrasado, quando eu comecei a ter a mesma fala do professor, porque eu moro aqui há 52 anos praticamente, e eu sei do que tô falando, daí ela assim (a professora ao qual se refere acima): ai, mas como tu tá revoltada!!! Aí eu assim: engraçado né, eu tô revoltada, e o professor é inteligente! Eu tô revoltada dizendo o mesmo que ele disse... e ele era inteligente. É assim que se vê, é assim que é visto ainda a mulher que procura o empoderamento dela, uma mulher que tem uma outra visão, que quer uma política, uma economia, ela ainda é vista como uma mulher revoltada. Ah, como tu tá revoltada... e cansa, como diz ela: (se refere a professora da fala anterior): aí vem com o mesmo assunto, com o mesmo papo. Mas eu gosto de cansar, dizer sempre a mesma coisa, “agua mole em pedra dura tanto bate um dia ela fura” não é assim? (risos...) eu vejo essas questões dessas mulheres, nos mulheres, nos quatro (se referia a três entrevistadas e eu que estava entrevistando) levantamos para o nosso empoderamento, nós ainda apanhamos muito, somos muito criticadas, pelas costas, pela frente são poucas as pessoas que enfrentam... porque, ah, não vou entrar em enfrentamento com ela, ne?! Ela vai buscar coisa lá não sei de onde...

O empoderamento da mulher dentro do brasil, o brasil conseguiu colocar uma mulher como presidente da república, o Estados Unidos está correndo atrás ainda, e é primeiro mundo, entendesse? Nem se fala da forma como a tiraram (se refere a Dilma ex-presidenta do Brasil) mas ela chegou, democraticamente! E aí a mulher negra vai seguindo a mulher não negra e vão caminhando pela luta. Como diz uma colega minha: Nani, não adianta tu se queixar, que é só através da luta que vai ser uma conquista. E é realmente. E tudo que é luta, é cansativo, tem uma hora que tu quer abandonar o barco, tu abandona o barco, mas tu retorna. Porque assim oh, a gente que tem uma vida assim mais árdua que tem que ta trabalhando 40h... eu passei, uma situação que eu tive três filhos um atrás do outro, criança pequena [...] uma hora tu tem que deixar tua luta de lado. Mas a hora que tu se vê livre, tu volta, quem é da luta volta! Não foge!

O que eu acho importante lá dentro de casa é que se tu pegar os meus três filhos, eles tem a mesma fala. Cresceram naquilo ali... por isso que eu digo, essa sociedade racista, embranquecida, retrógada, é porque é aquilo que tu aprendeu dentro da tua casa.

Eu fui criada numa operária, casas operárias, de companhia, aonde eu morava tinha 36 casas, dessas 36 casas, tinha uma casa de negros, era a nossa. E ali tinha italianos, o pessoal que veio para mineração, e até eu fui criada com minhas amigas, tanto é que, eu usava pano na cabeça, porque eu achava que eu era igual a elas, o cabelo não batia, botava um paninho na

cabeça pra bater igual o delas né?! Eu achava que eu era branca igual a elas...

Uma vez uma colega, uma amiguinha de sempre, da frente da casa, aí ela disse: o Nani, a mãe tava dizendo que agora nós não podemos mais ser amiga. Eu disse: mas porquê? O que que eu fiz?

A amiga: Não, porque assim, agora, nós ficamos mocinhas, e o clube que eu vou frequentar é aquele ali (salão onde a maioria dos brancos frequentavam, o Recreio só entrava negro sócio e jogador, entravam mas ficavam separados em grupos, negros de um lado e brancos do outro), e ali tu não pode entrar, e a mãe disse assim, se eu ficar andando sempre contigo porque tu é negra, os namoradinhos não vão chegar perto de mim...<sup>61</sup>

Eliana relembra fatos que marcaram sua caminhada de luta desde a infância, no entanto permanece firme em seus propósitos. Defendendo e militando na causa dos negros e negras. Neste sentido, a luta do MNS (Cruz e Sousa) vem até os dias atuais lidando com os enfrentamentos dos mais sutis que a sociedade lança. Desse modo, trabalha bem mais na área feminina, pois percebem o quanto ainda precisam alcançar para terem uma visibilidade significativa. Débora a atual presidente ressalta que:

A gente está trabalhando agora, a mulher negra ter mais visibilidade dentro do município, para que as mulheres estudem, porque querendo ou não, dentro de uma casa a mulher é o “coração” então se não tem a mulher não tem a casa, tem que colocar a mulher dentro das secretarias. A gente tá tentando colocar a mulher negra com visibilidade, nesses campos onde a sociedade exclui. A parte branca ou negra ela é excluída, já a questão da discriminação racial, que é muito forte, por isso que a gente faz esses trabalhos, por isso que a gente traz a questão da mulher negra. Porque além de ser negra, ainda é excluída por parte da sociedade. Então a bandeira do movimento seria, colocar a mulher visível na sociedade.<sup>62</sup>

Sandra ainda lembra que é um trabalho em conjunto com outros grupos que lutam na causa dos (as) negros (as), ou seja, “trabalhando sempre com o pessoal de Criciúma e tem a COPIRC<sup>63</sup>. [...] então, a gente tá bem atuante, em questão do movimento a gente continua.”<sup>64</sup> A vista de tudo isto que foi analisado nesta pesquisa, percebeu - se, o quanto estas as mulheres tem sede de conquista, de luta, e de alcançar tudo aquilo que propõem em suas pautas.

Estas mulheres são exemplos de persistência de resistência, e estão dando passos certos para conseguirem seu lugar na sociedade. Um lugar que é delas por

<sup>61</sup> Eliana dos Santos. Entrevista. Op. Cit.

<sup>62</sup> Debora Martins. Entrevista. Op. Cit.

<sup>63</sup> Coordenadoria da Promoção Igualdade Racial do Município de Criciúma – COPIRC.

<sup>64</sup> Sandra Martins. Entrevista. Op. Cit.

direito. Mas que, presenciamos uma camuflagem das partes que são intitulados como detentores do poder. Além disso, esta visão de cima, acaba atingido ao que estão na base da pirâmide, ou seja, a minoria. Que sem conhecimento acabam dando vazão para disseminar o preconceito e discriminação. Portanto, nesta perspectiva, vimos o exemplo dado por estas mulheres em luta, novas ideias sendo difundidas, a fim de dar um novo olhar para a população negra desta região.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão a esta pesquisa, conhecemos um pouco sobre os negros e negras da cidade de Siderópolis - SC., a citar o Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa e as mulheres negras deste movimento. Conseguimos ainda, observar os documentos que registram a história desse movimento. Além disso, saber suas pautas e lutas na militância.

Para tanto, é importante ressaltar sobre os resultados desta pesquisa, sendo estes significativos para a sociedade de Siderópolis SC., contribuindo com a visibilidade do movimento negro. Ademais as abordagens ficaram em torno das narrativas desses novos sujeitos na história de Siderópolis, por meio de suas narrativas.

Assim, apontamos para a possibilidade de contribuir com a memória do movimento negro na região sul, visto que esta é uma pesquisa recente, no qual disponibiliza meios de reflexão sobre a temática que inclui a população negra de Siderópolis. Portanto contribuirá também para a historiografia catarinense e para a construção de novos trabalhos. Reforçamos a importância da análise documental que poderá ser feita posteriormente.

Contudo, reforçamos que o movimento Negro de Siderópolis se construiu por diferentes táticas para efetivar sua luta, por meio de diferentes ações e eventos. Nesse sentido foi utilizando-se de diferentes táticas que o Movimento Conscientização Negra Cruz e Sousa afirmou sua presença e negritude na sociedade de Siderópolis - SC.

Terminamos destacando a importância da participação das mulheres negras no movimento que hoje as tem na liderança. Bem como, a participação na marcha das mulheres negras em 2015 realizada em Brasília, como uma referência de fortalecimento na luta por uma sociedade mais justa e igualitária e sem racismo. A trajetória do movimento negro em Siderópolis nos ajudou a compreender que o movimento se constituiu cotidianamente e que a luta ainda continua.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Verena; PEREIRA, Araújo Amílcar. Cronologia dos Principais Momentos do Movimento Negro no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. 525p.

BAIROS, Luiza. **Revista estudos feministas: Nossos Feminismos Revisitados**. V. 3, n. 2, 1995. 458 – 463p. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>>. Acesso em: 19 out. 2016.

BAIROS, Luiza. **Revista estudos feministas: Nossos Feminismos Revisitados** (PDF). v.3, n.2 (1995). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>>. Acesso em: 19 out. 2016. p.462.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1) Ed. 7. 253p.

CARDOSO, Francisco Jesus de Paulinho; RASCHE, Leandro Karla. Lei Federal 10639/03, discussão de conceitos: multiculturalismo, diversidade, ações afirmativas, racismo, preconceito, afrodescendentes, negro, entre outros. In: \_\_\_\_\_. **Formação de Professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis - SC: 1ª Ed. Dioesc, 2014. Cap. 1.

CARNEIRO, Sueli. **Raça e etnia no contexto da conferência de Beijing**. In: O livro de saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Criola/Palas, 2000.

\_\_\_\_\_. Mulheres em movimento. **Revista Estudos Avançados**. N.17 (49): 117-32p, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>>. Acesso em: 01 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 01 set. 2016.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMITÊ IMPULSOR NACIONAL DA MARCHA DAS MULHERES NEGRAS CONTRA O RACISMO E A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER, 2015. **Manifesto da Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver Brasília – 13 de maio de 2015**. Brasil, 25 de Julho de 2014. p. 2-5. Disponível em: <[http://www.mulheresdocabo.org.br/wpimagens/2014/08/manifesto\\_negras\\_site.pdf](http://www.mulheresdocabo.org.br/wpimagens/2014/08/manifesto_negras_site.pdf)> Acesso em: 13 nov. 2016.

COSTA, Claudia Lima de. Feminismos descoloniais para além do humano. **Revista Feministas**. 2014.929-934p.PDF. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36754/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

EXTRAÇÃO SUL MINERAÇÃO. **História da CSN – Siderópolis – Santa Catarina**. Disponível em: <<http://extracaosulmineracao.blogspot.com.br/2010/07/historia-dacsn-sideropolis-santa.html/>>. Acesso em: 19 set. 2016.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra Programa de comunicação. **Cadernos Geledés – Instituto da Mulher Negra: Caderno IV Mulher Negra**. São Paulo: Primavera. Edição Comemorativa 23 anos. 1993. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1988. 95p

GONÇALVES, Juliana. Marcha das mulheres negras, a marcha que faz sentido. 2015. S/p. **Carta Capital**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/marcha-das-mulheres-negras-a-marcha-que-faz-sentido-7941.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto da Mulher Negra. **Missão institucional**. 2016. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>>. Acesso em: 17 set. 2016.

GOSS, Karine Pereira. Trajetórias militantes em uma organização do movimento negro de Florianópolis: In: \_\_\_\_\_. **Negros em Santa Catarina**. Vol 9. Editora: Atilênde. Florianópolis – SC. Fevereiro 2006.

JOUTARD, Phillipe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral – Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC, 2000.

KRAUS, Souza, Juliana. **Clotilde Lalau: Reflexões Sobre A presença Feminina No Movimento Negro em Criciúma (1970-1985)**. Criciúma: UNESC, 2007. 39 p. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense) Criciúma, 2007.

LEITE, Boaventura, Ilka. **NEGROS no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. [Florianópolis]: Letras Contemporâneas, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?** REVISTA ABPN v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012 • p. 06-14

LOURO, Lopes, Guacira. **Genero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós – Estruturalista**. Petrópolis – RJ. Ed. 6. 1997. 184p.

MOUTINHO, Laura. **Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes**. Dossiê Antropologia, Gênero E

Sexualidade No Brasil: Balanço E Perspectivas. Cadernos, janeiro-junho de 2014:201-248.

MACHADO, Cilas. **O Processo de Embranquecimento Social e a Luta pela identidade.** 2015. s/p. Disponível em: <<https://juntos.org.br/2015/08/o-processo-de-embranquecimento-social-e-a-luta-pela-identidade/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor:** identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

NICOLAZZI, Fernando. **A História Entre Tempos:** François Hartog e a Conjuntura Historiográfica Contemporânea. História: Questões & Debates, Curitiba, N. 53, p. 235, Jul./Dez. 2010. Editora UFPR Pgs. Disponível em: <[file:///C:/Users/Juliana/Downloads/15808-87648-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Juliana/Downloads/15808-87648-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Proj. História. São Paulo. (14). Fev. 1997. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod\\_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SILVA, Kilma Maria Buonafina. et al. **Educação das Relações Étnico-Raciais:** os desafios para a implementação da lei 10639/03 na Rede Municipal do Recife. 2008. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2008.1/educacao%20das%20relaes%20tnicoraciais%20os%20desafios%20para%20a%20implementao%20da%20lei%2010.pdf](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2008.1/educacao%20das%20relaes%20tnicoraciais%20os%20desafios%20para%20a%20implementao%20da%20lei%2010.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2016.

SPRÍCIGO, Antônio Cesar. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados:** escravidão na freguesia do Araranguá no Século XIX. Caxias do Sul, RS: [s.n.], 2007. 189 p.

TELES, Maria Amélia Almeida de. **Breve História do Feminismo no Brasil.** São Paulo - SP. Brasiliense., 1993.

WACHHOLZ, Thais. **Identidades e negritude na perspectiva de estudantes negros e negras.** Universidade Do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Programa De Pós-Graduação Em Educação Mestrado em Educação. Criciúma, 2016.

**ANEXO (S)**

## ANEXO A - O MENELICK / RIO DE JANEIRO. CIRCULOU 1915 A 1916

BRAZIL. Capital, 1.º de Janeiro de 1916 E. DE S. PAULO

# O MENELICK

Organ mensal, noticioso, literario e artistico dedicado aos homens de cor

ANNO I | Redactor - Chefe: Descelesio Nascimento B Redactor - Secretario: Geraldo de Souza V. 3

---

**Salve! Salve! Salve! 1916!**  
Gentis leitoras e leitores  
O «Menelick» deseja-lhes Boas Festas e que em vossos labios só hajam risos de alegria e felicidades durante o decorrer de 1916!  
Salve 1. de Janeiro de 1916!  
**SALVE!**

---

**Leitoras**

«O Menelick», depois de passar quarenta dias sem o carinhoso affecto de vossas mãos delicadas — o berço gentil de sua alma, teve

## Regresso de Vesper

*Dedicado, A Madressinha...  
F. Pinheiro*  
SÃO PAULO

*Na tarde melancolica de um sol desfeito  
Da torre, o sino a gemer, em lamento,  
Tendo o coração ao dissabor affeito;  
Levo uma prece em cada pensamento*

*Os passaros em bando a procurar refugio  
Vão buscando as palmas verdes-escoras  
Porém n'ouso, aquelle momento saudoso  
Em que meditavas minhas aveulanas!*

*Vês! No infinito, morre a tarde plangente!  
Vêz, a noite, que vem lenta ao declinar  
Donzella... não te accode na imaginação ar-  
deante,*

*A allucinação delirante de amar?*

elles, os pretos  
A minha fragilidade ja-  
mais poderá descrever o  
pavor que tiveram. Os gritos já se ouziam perto!  
Agora arrombam a porta!  
Ei-os que entram, loucos,  
sem ouvir as suas lamen-  
tações.  
Aquella turba, louca pelo  
desejo da liberdade — li-  
berdade, esta palavra san-  
ta que todos os captivos  
ao ouvirem-na estremecem,  
desejam-na ardentemente,  
que sacrificam-se por ella,  
dando até a propria vida?  
Que é o tudo para elle?  
Que é Deus, mãe, familia,  
patria, tudo! Esta faz des-  
pertar em seus animos exal-  
tados o instincto sanguina-  
rio que estava sobregado  
por brutos.

Fonte: Disponível em: <<http://omenelicksegundoato.blogspot.com.br/>>. Acesso em 16 set. 2016.

## ANEXO B - O XAUTER/ SÃO PAULO. CIRCULOU SOMENTE EM 1916

<h1>O XAUTER</h1>		<b>EXPEDIENTE</b> Propriedade de uma Sociedade anônima <b>AFRIGUAYENA</b> Fundadora: <b>1916</b> De circulação até: <b>até o presente</b> Foi o correspondente desde a criação do diário em <b>à Rua Teixeira Leite, n. 14</b>
ANNO I	S. PAULO, 18 de Maio de 1916	NUMERO 2

<p><b>Significação</b></p> <p>O que quer dizer a palavra Xauter?</p> <p>Outra palavra que a primeira vista parece não se com qualquer coisa estrangeira, pode muito bem ser francesa ou alemã, mas assim sendo pode-se pronunciar de qualquer forma, porque ninguém tem obrigação de saber línguas estrangeiras.</p> <p>Tudo o que fica escripto não passa de um presabulo que os leitores lêem naturalmente desconhecendo.</p> <p>Não importa que os leitores digão ou deixem de digão, desde que não se</p>	<p>deixem de fazer extraordinários e inesperados, como também pelos súbitos conselhos que procedem ao respeito público.</p> <p>Em face de servir esta finalidade que a imprensa, S. Paulo, sendo assim sobre um território, estabelecendo um regime de servos economicos.</p> <p>Em fim, para o novo presidente, é uma grata surpresa para poder se fazer com firmeza no governo.</p> <p style="text-align: center;"><b>Notas políticas</b></p> <p>O dr. Afonso Arinos no dia 14 de Maio, voltou porque o Congresso e o povo o demor de dirigir o destino do estado.</p> <p>S. Paulo, como a sua primeira</p>	<p>do o mesmo localidade, restituiu a as propriedades escriptas de volta, para serem os grupos sobre de sua occupação.</p> <p>Depois de considerações feitas de propósito, explicou para os termos programados de onde vem o nome «O Xauter».</p> <p>Impedidos pela desastrosidade das nossas armadas e derrotados por um erro que aconteceu a cada de muito tempo a grandeza e a liberdade, com o desejo que não seja limitado a uma de Leocadia de Viçosa.</p> <p>Esses termos que foram feitos a propósito de um erro que aconteceu a cada de muito tempo a grandeza e a liberdade, com o desejo que não seja limitado a uma de Leocadia de Viçosa.</p>	<p>depois que os seus e aproximadamente «O Xauter». Vendo «O Xauter» impediendo de julgar para que não esqueçam... Vendo «O Xauter» como sendo que a a sua realidade, não o abstração de fazer tudo com a ignorância por a sua falta que não são vigiados, que não são vigiados: liberdade, justiça e Amargura: «O Xauter» que quando mantenha a linha, sem desajustado em todos os grandes momentos que lhe ocorrem e no mundo!</p> <p>«O Xauter» é uma palavra e fazemos na sua realidade, justiça, liberdade e com as suas armadas, mas, a verdade que não são vigiados, não esqueçam de uma grande ocasião, antes que</p>
---	---	--	---

Fonte: Disponível em: <<http://jornalquilombo.blogspot.com.br/>>. Acesso em 16 set. 2016.

## ANEXO C - O ALFINETE/ SÃO PAULO. CIRCULOU EM 1918,1919,1921

ANNO I	São Paulo, 3 de Setembro de 1918	NUM. 3
ORGÃO LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO	<b>O Alfinete</b>	DEDICADO AOS HOMENS DE COR.
Publica-se quinzenalmente	COLLABORADORES DIVERSOS	DIRECTOR A. Oliveira

— EXPEDIENTE: —  
 ANNO I . . . . . 1918  
 MARÇO . . . . . 1918  
 JUNHO . . . . . 1918  
 PAGAMENTO antecipado  
 Toda a informação deve ser  
 dada a Mr. Torres, 4 - 1147

**Aos nossos leitores**  
 Na lei psicologica das evoluções dos povos, o papel da raça negra, embora seja inferior em alguns países como nos da Africa, é tão importante e urgente em igualdade de condições moral e intellectual quanto os

os últimos reis que nos presidiam ao ferrete da ignorância — a escravidão.

Luiz Gama, tambem de cor, imbalhou infatigavelmente ao deslata de sua classe até a surgir, a 13 de Maio de 1888 da aurora triumphal da nossa liberdade.

Pois bem, desde esse dia que devia abrir a senda para o primeiro passo de um futuro melhor eis que a nossa

do deusa negra mandou que marchas eternas nosse a nossa frente?

Não, unicamente nos que vivemos na mais vergonhosa ignorancia no mais profundo abecamento moral, que não comprehendemos finalmente a angustiosa situação em que vivemos.

Cultivemos, portanto a nossa asilphibetismo e vermos se podemos ou não imitar os norte-americanos.

que possam estas situações se tornar raras.

E' em talha das nossas meditações que podemos apreciar a justa valor dos nossos combates morais, actões e affectos.

Tudo no mundo tem a sua utilidade, tudo gira na roscula da evolução, tudo evolui em si e germinou de uma vida que se manifesta como a vida, luz e calor.

Comprehender isto é penetrar no mysterio da criação, quero dizer, e por consequente a chave do verdadeiro conhecimento que é a unidade na diversidade de su a essencia divina divina.

Fonte: Disponível em :<<http://jornalquilombo.blogspot.com.br/>>. Acesso em 16 set. 2016.

## ANEXO D - O CLARIM DA ALVORADA/SÃO PAULO. CIRCULOU DE 1924 A 1933



Fonte: Disponível em: <<http://jornalquilombo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 set. 2016.

ANEXO E - A VOZ DA RAÇA/ SÃO PAULO. CIRCULOU 1933 A 1937

**A VOZ DA RAÇA**

O PAROCHEITO DE CÔR NO BRASIL SÓ NOS OS NEGROS PODEMOS SENTIR

DEBATE ORIGINAL DA "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" SEMANARIO INDEPENDENTE

S. Paulo Sabado 18 Março Ano 1933

Redator: Eudocimo Magalhães - Secretário: Pedro Paulo Barbosa - Direção: A. de Castro

REGIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AV. CUNHELEIRO BRITTO N.º 100 PROPRIEDADE DE SRA. SA. DE DEBARRAÇÃO

ADVERTENCIA: SEMANAL N.º 1933

DEUS PATRIA RAÇA e FAMILIA

**"A VOZ DA RAÇA"**

Com satisfação assumimos o encargo da direção deste jornal que se dedica a publicação de assuntos referentes ao negro, especialmente, não dispensando porém de aceitar os de outras referências quando afluírem.

Este jornal aparece no horário que precede a sessão patina, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, se interessa e comanda as idéias de nossa pátria ou salvar faltar, não faltar o dia... este jornal não largará e nos continuaremos mantendo, como e sendo algo da coexistência entre as ideias que, no mundo, não passa no certo ou original que no presente momento a sua missão não é moral e a missão política da raça.

O seu programa, no período principal é divulgar as publicações em geral e trabalhar com o negro, dentro e fora do Brasil da economia e da situação econômica dos negros, ou originais de la-imprensa e os seus artigos de negros e brancos.

Daremos, todavia, tal demonstração de coragem, perseverança e retidão de caráter:

Assim como nos outros países, que a GLOBA E A FUNDADAÇÃO DO NEGRO BRASILEIRO E CIVILIZAÇÃO - CHISTA HOMOGENEIZANTAR TODA A AMERICA.

Assim como nos outros países, que a GLOBA E A FUNDADAÇÃO DO NEGRO BRASILEIRO E CIVILIZAÇÃO - CHISTA HOMOGENEIZANTAR TODA A AMERICA.

**Francisco Costa Santos**

Não existe dentro de São Paulo, e para grande parte do Brasil, o homem, que não conhece o homem, cuja frigididade vivida em linhas, e a do insuperável baluarte Francisco Costa Santos, que...

P. N. II, inclusive o Sr. Presidente Geral, estão apresentados em as saldas letras públicas no nome de Francisco Costa Santos, não os Fraternizantes, o consideramos em primeiro, em verdadeiro sentido de...

a verdade, era antes o mesmo mesmo empalmeito; a sua vida idealista de um lutador comente, não poderá de forma alguma ser expressão alguma destas breves linhas, ela será publicada em forma condigna, para que todos os leitores da Raça, em favor algum, possam exercer a memória de quê, que está inserida porque bem o certo, no parâmetro das nossas jovens aspirações revolucionárias.

O mesmo grande morto, se expresso a respeito de nossa coisa de João João de Sousa, dentro em nome está um vazio aberto e impregniado, e...

Fonte: Disponível em: <<http://omenelicksegundoato.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 set 2016.

# ANEXO F - A PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL QUILOMBO DIRIGIDA POR ABDIAS NASCIMENTO EM 1948

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

# Quilombo

VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO

## NÓS

ABDIAS NASCIMENTO

**N**ÓS azimos — rigorosa e altamente — ao encontro de todos aqueles que acreditam, — com ingenuidade ou malícia —, que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de QUILOMBO não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, simo em especial para fazer lembrar ou esquecer no próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.

A cultura, com intuição e acenos africanos, a arte, poesia, pensamento, fado, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, paulatinamente vai sendo relegada ao abandono, relegando-se pelos líderes do "branqueamento", esquecendo-se essas "aristocracias" de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptor vem desde 13 de maio de 1888 (Amar Ramos).

Neste caso se relaciona com todo o problema que determina o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que precedeu a conquista da América quando o Rei Pio II, Nêcio Enxé Piccolomini, lançou impedimentos teológicos ao tráfico português de africanos; depois da guerra de secessão nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos; após as lutas libertadoras de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando já não se pode falar de escravidão e submissão, devemos arrasar no negro o domínio econômico e político de sua terra, como na África do Sul; arrastar violentamente aos direitos na pátria que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos; ou arduamente despojá-lo dos meios psicológicos e mentais que o capacitariam a adquirir a consciência de sua verdadeira condição ante uma igualdade legal, como no Brasil.

A situação apenas esboçada torna-se mais nítida quando assistimos o Nôdi pleitear e conseguir, no Pacto de São Francisco, a condenação de todas as discriminações raciais. Nas últimas eleições dos Estados Unidos, aparece o candidato dos subscritos Strom Thurmond com programa beligerantemente racista e abusivo, que conseguiu mais de um milhão de votos, e a própria vitória de Truman bastou-se na semana para dar direitos civis para todo o povo norte-americano, inclusive os negros. A Índia, neste mesmo Ateneu, que se realizou em Paris, levou ao conhecimento das Nações Unidas o problema da discriminação na África do Sul, onde racistas descendentes dos contrabandistas "boers", com unicamente um milhão e meio sobre nove milhões de nativos, tentaram as eleições contra o partido do general Smuts, favorável aos negros.

É transparente esta verdade histórica: o negro ganha sua liberdade não por filantropia ou bondade dos brancos, mas por sua própria luta e pela insubordinação do sistema escravocrata (Cais Prado Jr.). Aqui ou em qualquer país onde tenha existido o escravismo, o negro tem a vida e o sustento arduamente e luta pelo seu direito ao Direito.

O negro brasileiro já conquistou seu direito legal e codificado mas necessita o exercício ativo desse direito. Como brasileiro não professamos outra existência, não só dos Ku-Klux-Klan abençoados, como dos autôctones Nôdiões de mentalidades e atitudes.

O nosso trabalho, o esforço de QUILOMBO é para que o negro rompa o dique das resistências brancas com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegure a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações. Os atentados e sua paridade jurídica, e de fato postulados frequentemente em nosso meio, são anti-democráticos, separatistas e tentos de interpretação.

(Continua na pág. 4)

## Há preconceito de cor no Teatro?

RESPONDE A NOSSA ENQUETE NELSON RODRIGUES, O DISCUTIDO AUTOR DE "ANJO NEGRO": — "INGENUIDADE OU MA FE NEGAR O PRECONCEITO RACIAL NOS PALCOS BRASILEIROS"

Nelson Rodrigues marca uma fase no esboço do teatro brasileiro. Seus peças "Vestido de Noiva" e "A Mulher sem pecado" propuseram-lhe a reputação de nosso maior autor dramático, e outras, "Album de Família" — interdita pela censura — e "Asso Negro", recentemente apresentada no Fênix, provocaram debates acalorados em torno do valor de sua obra teatral, assim considerando Nelson Rodrigues verdadeiro gênio, outros negando-lhe qualquer valor. Enquanto tanto isso acontece, Nelson Rodrigues prepara-se para enfrentar nova tempestade com a próxima representação de "Senhora dos Arcozinhos", a novela "Elefante" que a polícia interdita também. Aliás, portanto, mais adequado para abrir a discussão de QUILOMBO em torno da existência ou não do preconceito de cor e de raça em nosso teatro.

**A QUE ATITUDE O AFASTAMENTO DO NEGRO QUILOMBO DOS NOSSOS PALCOS?**

A nossa pergunta Nelson Rodrigues responde com precisão: — "Até, não é, tenho a certeza de que é pura e simples questão de dinheiro. Desprezo em todas as situações. Mas falo, sobretudo, sobre companhias que não se dão ao trabalho de ter negro em cena, e quando uma peça exige o elemento de cor, recorre-se a seguinte solução: busca-se um branco — "branco pintado" — de o teatro nacional, claro, não devemos contar com os artistas exceção. Mas isto não constitui uma regra. É preciso uma ingenuidade perturbadora, ou seja, ou uma má fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, os faméis moléculas pintados, ou carregam bandeira ou, por último, tiram de fora. Por que esta situação insustentável? Vejamos alguns dos motivos mais nítidos. Em primeiro lugar, subestima-se a capacidade emocional do negro, e seu ímpeto dramático, a sua força lírica e fútil o que ele possui de sentimento trágico. Já nos admitem que ele possa esperar a



Nelson Rodrigues

## DOIS MUNDOS: PRETO E BRANCO, DENTRO DE UM SÓ PAÍS

SOBRE A VIDA DO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS FALAM O BRILHANTE JORNALISTA GEORGE S. SCHUYLER — ESTUDOS NA AMÉRICA LATINA SOBRE DISCRIMINAÇÃO RACIAL



George S. Schuyler palestrando com o diretor de QUILOMBO

Quando o Dr. George S. Schuyler passou pelo Rio em missão jornalística do "The Pittsburgh Courier", teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o diretor de Quilombo, e bem humorado, Schuyler não esquece o melhor momento, o redator vivo e aguçado, aquela palavra "O mundo nunca coloma" do "Pittsburgh Courier". Guardamos breves da conversa que mantivemos sobre a possibilidade da mistura de raças nos Estados Unidos, Nordeste, e bem humorado, Schuyler falou com a segurança de quem representa de fato o pensamento de toda a raça.

— Não de que o branco briga contra o negro mesmo que ele não seja racialista, o negro suspira sempre.

(Continua na pág. 2)



A grande atriz Ruth de Souza no filme "Terra Violenta". Nota sobre cinema na 6ª pág.

**Ano I N.º 1**  
**110 DE JANEIRO, 5 DE DEZEMBRO DE 1948**  
**1 CRUZEIRO**  
COLABORAM: Gilberto Freyre, Geacelino Ramos, Efraim Tomás de Maria Nascimento, Francisco de Assis Barbosa, J. S. Guimarães.

## ANEXO G - O GEDELÉS

Para corroborar nestas pautas femininas, em 30 de abril de 1988, foi fundado o Geledés-Instituto da Mulher Negra, em São Paulo. O Gedelés é um relevante agente social de ascensão as mulheres negras na sociedade neste período de 2015 e que se estende até a contemporaneidade. A imagem a seguir nos confirma sua autenticidade



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/geledes/photos/>>. Acesso em: 18 set. 2016

## ANEXO H - LUTADORAS EM BUSCA DE UMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA PARA TODOS (AS)

Considerando a opressão que enfrentam na sociedade. Mesmo assim, são investidas de coragem, como lutadoras em busca de uma sociedade igualitária para todos (as).



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/geledes/photos/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

ANEXO I - NILTON MARCIAL ALVES (CIELO), JOSE CARLOS DE SOUSA  
(TESTA/CALO) E JOÃO BATISTA AS SILVA (TITA)



Fonte: Arquivos pessoais dos entrevistados.

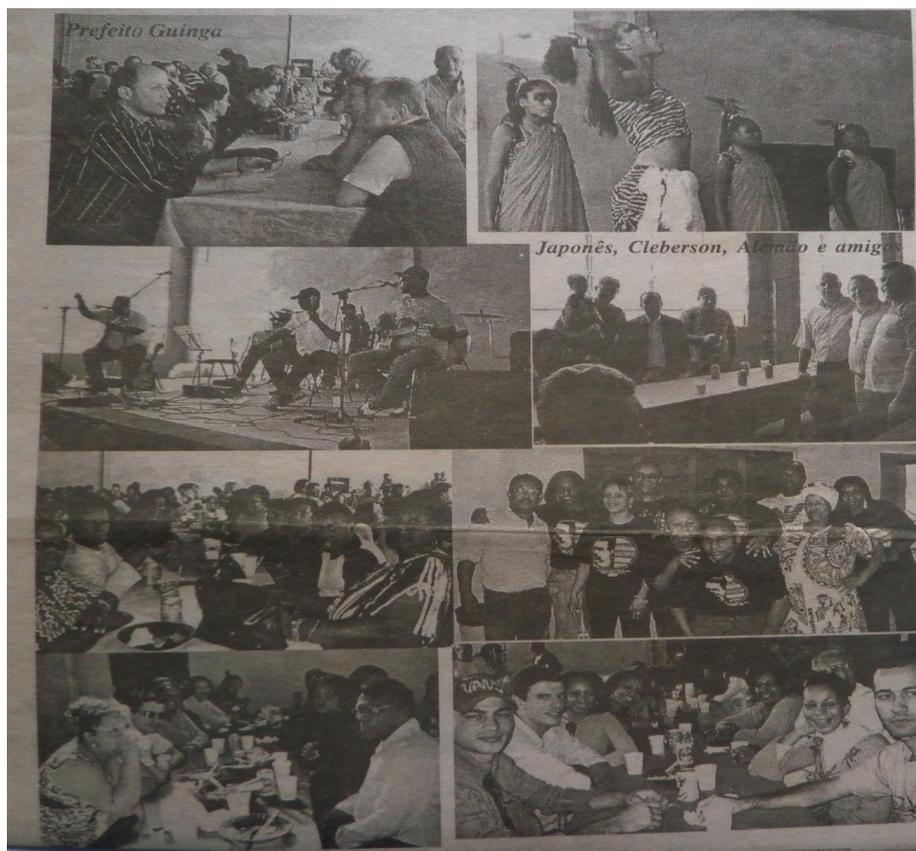
Nilton marcial Alves (Cielo), Jose Carlos de Sousa (testa/calos) e João batista as silva (Tita) são atuais apoiadores do Movimento Negro de Siderópolis.

ANEXO J - DEBORA MARTINS ATUAL PRESIDENTE, ELIANA DOS SANTOS,  
APOIADORA DO MOVIMENTO, SANDRA MARTINS COORDENADORA DO  
PATRIMÔNIO DO MOVIMENTO E SUSANA MOTA, TESOUREIRA DO  
MOVIMENTO



Fonte: Arquivos pessoais das entrevistadas

## ANEXO K - MOVIMENTO NEGRO DE SIDERÓPOLIS



Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis.

Este foi um evento promovido pelo MNS Cruz e Sousa, para angariar verbas para o Movimento e também inserir os negros e negras na sociedade.

ANEXO L - INTEGRANTES DO MNS COM A BANDA DE ROCK FORMADA POR  
ELES EM MEADOS DE 1984/85



Fonte: Arquivo particular do entrevistado Jose Carlos de Sousa.

Nesta foto aparecem os integrantes do MNS com a banda de rock formada por eles em meados de 1984/85. Segundo as falas dos entrevistados esta banda foi anterior ao grupo Libertação, mas foi por ela que começaram a dar os primeiros passos de reflexão sobre a causa negra.

ANEXO M - ATA DO MOVIMENTO NEGRO SOBRE A ELEIÇÃO DA NOVA  
DIRETORIA NA DÉCADA DE 2000

01

Ata de Nº da Sociedade Cultural e Recrea-  
a cinco de junho (Movimento negro), descreve  
o meio desta que aos cinco dias do mês de  
posto do ano dois mil, nas dependências do Cen-  
o Social Urbano localizado no município de  
derópolis fez se realizar a eleição da nova  
retoria desta mesma entidade. Mesmo com o  
ditos exposto vinte e cinco dias anterior  
o acontecimento, somente uma chapa se es-  
veeu, prosseguindo assim a eleição com  
na chapa única. A votação foi iniciada às  
natorze horas, com os secretários de mesa  
enhor Cláudio Jair Rufino, Aquinaldo Luiz  
ermendes e Eliana dos Santos. Seu encerra-  
o deu-se às dezeto horas. O número de va-  
ntes foi igual a vinte pessoas, sendo que  
m voto foi nulo e outro em branco. Como  
exultado tivemos vinte e oito votos em prola  
na nova diretoria que ficou assim composta:  
residente - Luiz Fernando Cardoso Galvão. Vice-Pre-  
idente - Ivonete Martins. 1º Secretário - Eliana dos Santos  
Secretário - Débora Martins. 1º Tesoureiro - José Geral-  
o da Conceição. 2º Tesoureiro - Aquinaldo Luiz Fernandes  
retor social - Aldo Nascimento Filho. Auxiliar Dir. Social  
rina dos Santos Vieira. Diretor de Esportes - Olga Maria  
Santos. Diretor do Departamento Jurídico - Cláudio  
Rufino. Presidente do Conselho Fiscal - Maria do  
ama dos Santos Vieira. Conselheiros - Jandira de Sou-  
- Dejan Dário dos Santos, Maria Aparecida da Conceição,  
ria das Graças da Conceição, Suzana Mota. Suplen-  
- Fiscal - Gilmar Azeiteiro dos Santos, Vir-

## ANEXO N - FLUXO CAIXA FESTA DO COLONO E SHOW LECI BRANDÃO 2006

Fontes: arquivos particulares MNS. Disponível em setembro 2016.

		<u>SHOWS</u>			
<b>QUITADO</b>					
	<b>LECI BRANDÃO</b>				<b><u>16.813,00</u></b>
	Show			R\$	13.500,00
	Passagem aerea			R\$	1.614,00
	Hospedagem			R\$	1.400,00
	Angeloni Supermercados(Frutas/Frios Camarim)			R\$	149,00
	Te e Chico Salgados			R\$	150,00
	Pulseiras camarotes			R\$	150,00
<b>BANDAS LOCAIS</b>					
	<b>AUTO ESTIMA</b>			R\$	<b>300,00</b>
	<b>SEDE DE SAMBA</b>		<b>(1)</b>	R\$	513,00
<b>TOTAL</b>					<b>17.626,00</b>
<b>(1)</b>	<b>A RECEBER</b>				600,00
	13/nov cerveja				(76,00)
	água				(11,00)
	<b>TOTAL</b>				<b>513,00</b>

Quant.	Unid	Descrição dos Produtos	Valor Unitário	Valor Total	Valor Venda
654	dz	Skol Lata	15	9.810,00	18.639,00
11	um	Skol Lata	1,25	13,75	27,50
144	um	Refrigerante lata	12,2	1.756,80	3.513,60
23	dz	Água s/gás	7,5	172,50	345,00
2	um	Água s/gás	0,62	1,24	2,48
12	lt	Martini	9,5	114,00	228,00
22	lt	Drury's	12,8	281,60	563,20
31	lt	Dreher	6,5	201,50	403,00
12	lt	Smirnoff	18,8	225,60	451,20
<b>Subtotal</b>				<b>12.576,99</b>	<b>24.172,98</b>
56	Bls	Gelo	8	448,00	
74	pct	Copo 300 m/c	3,6	266,40	
6	pct	Canudo	2,6	15,60	
<b>Total</b>				<b>13.306,99</b>	

ANEXO O – FOLDER DA 1ª JEIJOADA DO MOVIMENTO DE  
CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUZA

**1º FEIJOADA DO MOVIMENTO DE  
CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUZA**

**Mês da Consciência Negra**

22 de Novembro de 2015  
12:00h  
Local: Centro Social Urbano de  
Siderópolis-SC

\*Ingressos com a Diretoria do MCN Cruz e Souza  
\*Valor: 15,00

**Deliciosa Feijoada  
da Chefe de  
cozinha Mariázinha**

**Apresentações e  
Exposições Artísticas  
e Culturais**  
Grupo Atitude Negra  
Flautista Karlis Rejane Fernandes

**Palestra**  
Profª. Esp. Maria Estela Costa  
da Silva  
Pedagoga formada pela UNESCO, especialista em Educação  
Inclusiva e em Africanidades e Cultura Afro-Brasileira

**Samba e Pagode**  
Estylo da Gente  
Grupo Uma hora ou Outra

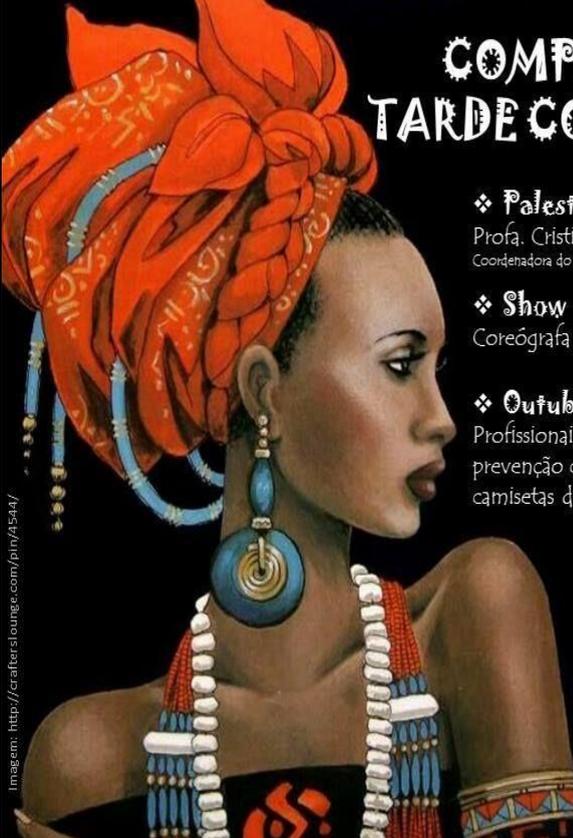
**Realização**  
Movimento de  
Conscientização Negra  
Cruz e Souza

**Apoio**  
Prefeitura  
Municipal de  
Siderópolis

**Patrocínio**  
Cooperativa  
Supermercado  
MCM Raso  
Branco

Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis. Disponível em setembro 2016.

## ANEXO P – FOLDER COMPARTILHE SUA TARDE COM AS CRIOULAS



**COMPARTILHE SUA  
TARDE COM AS CRIOULAS**

❖ **Palestra**  
Profª. Cristiane Mare da Silva  
Coordenadora do Estado de Santa Catarina da Marcha das Mulheres Negras 2015

❖ **Show**  
Coreógrafa Giselle Marques

❖ **Outubro Rosa**  
Profissionais da saúde trarão informações sobre prevenção contra o câncer de mama e sortearão camisetas do Projeto Outubro Rosa

**Local: Centro Social Urbano  
de Siderópolis**  
**Data: 24 de outubro de 2015  
às 15h**

**REALIZAÇÃO**

MARCHE DAS MULHERES NEGRAS 2015  
Comitê Impulsor da  
Marcha das Mulheres  
Negras de Siderópolis

Movimento de  
Conscientização Negra  
Cruz e Sousa

Imagem: <http://crafterslounge.com/blog/4547>

Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis. Disponível em setembro 2016.

## ANEXO Q – FOLDER BAZAR DAS PRETAS



Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis. Disponível em setembro 2016.

## ANEXO R – FOLDER 2ª FEIJOADA CRIZ E SOUZA



Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis. Disponível em setembro 2016.

## ANEXO S – 1º SIM AFRO – NOVEMBRO 2009, SIDERÓPOLIS - SC



*1º SIM Afro - Novembro 2009  
Siderópolis - SC*

Fonte: Arquivo particular do Movimento Negro de Siderópolis. Disponível em setembro 2016.

ANEXO T - MOVIMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA CRUZ E SOUSA DE  
SIDERÓPOLIS - SC PARTICIPANDO DO DESFILE CÍVICO EM SETEMBRO DE  
2016



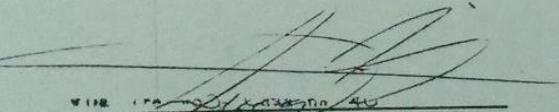
Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

ANEXO U - REGISTRO EM CARTÓRIO, DECLARANDO LUIZ FERNANDO  
SABINO PRESIDENTE

DECLARAÇÃO

Declaro para todos os devidos fins de Direito, e a quem possa interessar que prevalecendo o Estatuto da **Sociedade Cultural e Recreativa 5 de Junho**, sociedade cultural, Pessoa Jurídica, registrada no livro n.º A-03, às folhas 415 à 987, sob termo n.º 107, datado de 07 de Janeiro de 1.987, no Urussanga Cartório de Registro Civil - Títulos e Documentos Attilio Damiani, datado de 08 de Janeiro de 1987, registrada sob no CNPJ sob n.º **79.314.829./0001-19** em 08/01/1987, pelo seu representante legal, Sr. **Luiz Fernando Cardoso Sabino**, no ato, em assembleia, que aos 05/08/2000 (**Cinco dias do mês de Agosto do ano dois mil**), em posse, possuidor do CPF sob n.º 415.188.700-82, reza de toda a legalidade ao cargo assim descrito, Presidente e Responsável perante Pessoa Jurídica, indole à votação datada de 05/08/2000, para exercer o cargo da respectiva Sociedade, conforme Conselho Fiscal e Diretoria representada à ata..

E por ser verdade é que firmo o presente.

  
VIRE (F) \_\_\_\_\_  
SIOEH \_\_\_\_\_  
1.º. C. \_\_\_\_\_  
**Lucas Osvaldo Cruz Filho**  
**CRC 006281/O-4**  
**C.I. 6/R 1.930.402**

ANEXO V - ATESTADO DE FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE CULTURAL E  
RECREATIVA 5 DE JUNHO



**Estado de Santa Catarina**  
**Município de Siderópolis**

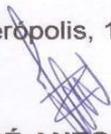
**ATESTADO DE FUNCIONAMENTO**

Atesto para os devidos fins que a **SOCIEDADE CULTURAL E RECREATIVA 5 DE JUNHO, DE SIDERÓPOLIS**, com sede à Quadra 5, Lote 14, S/N, Vila COHAB, na cidade de Siderópolis, Estado de Santa Catarina, inscrito no CNPJ/MF nº 79.314.829/0001-19, está em pleno funcionamento, atendendo as finalidades para as quais foi criado, não distribuindo lucros, dividendos, bonificações ou vantagens aos seus Diretores, sócios e/ou colaboradores, cuja constituição de sua Diretoria é a seguinte:

Presidente: LUIZ FERNANDO CARDOSO SABINO  
Secretária: ELIANA DOS SANTOS  
Tesoureiro: JOSÉ GERALDO DA CONCEIÇÃO

Conselho Fiscal: VILMAR AURELIO DOS SANTOS  
VIRGINIA DA ROSA  
VANDERLEI MARTINS

Siderópolis, 14 de novembro de 2001.

  
**JOSÉ ANTONIO PÉRICO**  
Prefeito Municipal